



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO EM HUMANIDADES
LICENCIATURA EM
SOCIOLOGIA**

**FRANCISCO GLEILTON CLEMENTE DA
SILVA**

**ENTRE INTERLOCUÇÕES E EXPERIÊNCIAS JUVENIS: NARRATIVAS
INTERIORANAS SOBRE O PERÍODO DE PANDEMIA NO ENSINO
MÉDIO NA CIDADE DE GUAÍÚBA-CE.**

**REDENÇÃO-
CE 2023**

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO EM HUMANIDADES
LICENCIATURA EM
SOCIOLOGIA**

**FRANCISCO GLEILTON CLEMENTE DA
SILVA**

**ENTRE INTERLOCUÇÕES E EXPERIÊNCIAS JUVENIS: NARRATIVAS
INTERIORANAS SOBRE O PERÍODO DE PANDEMIA NO ENSINO
MÉDIO NA CIDADE DE GUAÍÚBA-CE.**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

**ORIENTADOR(A): PROFA. DRA. JOANA ELISA RÖWER
CO-ORIENTADOR(A): PROFA. DRA. MARIA ALDA DE SOUSA ALVES**

**REDENÇÃO-
CE 2023**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Francisco Gleilton Clemente da.

S586p

Entre interlocuções e experiências juvenis: narrativas interioranas sobre o período de pandemia no ensino médio na cidade de Guaiúba-CE / Francisco Gleilton Clemente da Silva. - Redenção, 2023.

48f: il.

Monografia - Curso de Sociologia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientador: Profa. Dra. Joana Elisa Röwer.

Coorientador: Profa. Dra. Maria Alda de Sousa Alves.

1. Jovens. 2. Educação. 3. Pandemia. 4. Escola. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 370

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO EM HUMANIDADES
LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**FRANCISCO GLEILTON CLEMENTE DA
SILVA**

**ENTRE INTERLOCUÇÕES E EXPERIÊNCIAS JUVENIS: NARRATIVAS
INTERIORANAS SOBRE O PERÍODO DE PANDEMIA NO ENSINO
MÉDIO NA CIDADE DE GUAÍÚBA-CE.**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado em Sociologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Aprovado em: 27 de janeiro de 2023.

Banca Examinadora

Joana Elisa Röwer (orientadora), Doutora em Educação
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira

Maria Alda de Sousa Alves (co-orientadora), Doutora em Sociologia
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
brasileira

Michely Peres de Andrade (examinadora), Doutora em
Sociologia Universidade Estadual do Ceará.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força diária em cativar em meu interior coragem e persistência na trajetória percorrida até aqui. Agradeço a minha instituição de ensino (UNILAB) pela formação estudantil e pessoal que agiu de maneira incisiva na construção dos conhecimentos que permitiram chegar onde cheguei. À escola pública de ensino médio José Tristão Filho (Guaiúba-CE) por me acolher e possibilitar a realização deste trabalho. À Profa. Dra Joana Röwer, pela excelente orientação e direcionamento nesta pesquisa, juntamente a Profa. Dra. Maria Alda pela parceria e dedicação que impulsionou com significativas contribuições na minha trajetória inicial. Ao José Teófilo, meu querido companheiro de vida, por todo o apoio e cumplicidade. Aos meus familiares e amigos que contribuíram de algum modo para este estudo. Por fim, mas não menos importante, um grandessíssimo obrigado aos meus jovens entrevistados que se disponibilizaram a prestar seus depoimentos que serviram decisivamente para a concretização deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho, apresentado em forma de Monografia, parte do tema *Entre interlocuções e experiências juvenis: narrativas interioranas sobre o período de pandemia no ensino médio na cidade de Guaiúba-CE.* e busca refletir sobre o processo de pandemia da Covid-19 e como as suas consequências afetaram a vida pessoal e estudantil, mais precisamente no aspecto educacional, de jovens alunos interioranos da escola pública de ensino médio José Tristão Filho. Desse modo, a pesquisa objetiva além do mais, analisar e articular sobre os impactos condicionados aos jovens que vivenciaram este intenso período da história da humanidade, pontuando sobre os desafios e desdobramentos enfrentados por eles no processo de educação e socialização viabilizados, em grande parte, pelo espaço físico da escola. A metodologia utilizada consiste em um estudo explicativo, os procedimentos técnicos e a abordagem do problema contam com uma análise bibliográfica e pesquisa de campo junto a uma abordagem qualitativa possibilitando a partir de observações no espaço campo e de uma entrevista semi- estruturada o uso de narrativas, de maneira ativa, na composição e construção desta pesquisa. Assim, a partir da realização deste trabalho foi constatado a condição de disparidade na realidade destes alunos, com relação ao ensino e acesso aos mecanismos e ferramentas tecnológicas bem como ao próprio acesso a internet de qualidade e a espaços adequados para o estudo. É percebido ainda a delicada condição emocional dos jovens que vivenciaram o período de isolamento social, tendo as suas formações e experiências juvenis, em grupos, interrompidas por um considerável espaço de tempo. Nesse sentido, de um modo geral, este estudo reflete sobre as questões mencionadas acima e como será desafiador o processo de reparação das consequências educacionais e pessoais vividas neste período, creditando a educação como um considerável agente transformador da realidade fragilizada que existe hoje.

Palavras-chave: Educação. Pandemia. Escola. Experiências.

ABSTRACT

The present work, presented in the form of a Monograph, departs from the theme *Between interlocutions and youth experiences: countryside narratives about the period of pandemic in high school in the city of Guaiúba-CE.* and seeks to reflect on the process of the Covid-19 pandemic and how its consequences affected personal and student population, more precisely in the educational aspect, of young students from the interior of public high school José Tristão Filho. In this way, the objective research beyond moreover, analyze and articulate the impacts conditioned on young people who have experienced this intense period of human history, highlighting the challenges and developments faced by them in the process of education and socialization largely made possible by the physical space of the school. The methodology used consists of an explanatory study, the technical procedures and the approach of the problem have a bibliographical analysis and field research together with a qualitative approach allowing from observations in the field space and a semi-structured interview the use of narratives, in an active way, in the composition and construction of this research. Thus, from the realization of this work it was verified the condition of disparity in the reality of these students, regarding education and access to technological mechanisms and tools as well as access to the internet of quality and suitable spaces for study. It is still perceived the delicate condition of young people who experienced the period of social isolation, having their formations and youth experiences, in groups, interrupted by a considerable space of time. In this sense, in general, this study reflects on the questions mentioned above and how challenging the process of repairing the consequences will be educational and personal lived in this period, crediting education as a considerable transforming agent of the fragile reality that exists today.

KEYWORD: Experiences. Education. Pandemic. School.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CONTEXTUALIZANDO O CAMPO E A METODOLOGIA	12
3	SOBRE TRAJETOS E REALIZAÇÕES (NOTAS DE CAMPO SOBRE O PROCESSO DA ENTREVISTA EM GRUPO)	1
		6
4	QUANDO A ESCOLA É INTERROMPIDA <i>DO NADA TUDO SE FECHA, VOCÊ PERDE ESSE CONTATO SOCIAL, QUE PRA MIM, SEMPRE FOI MUITO IMPORTANTE</i>	1
		9
4.1	DESAFIOS E CONTINUIDADES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM... <i>UMA CORRIDA PELA EDUCAÇÃO</i>	2
		6
5	5 DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS DE FUTURO <i>EU GOSTO DE PENSAR EM MIM COMO ALGUÉM QUE VAI DAR UM BOM EXEMPLO E QUE VÁ PODER AJUDAR AS PESSOAS</i>	3
		0
6	VIVÊNCIAS NA ESCOLA... <i>A GENTE FOI SE ADAPTANDO A NOVA ROTINA</i>	3
		6
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
	REFERÊNCIAS	44
	ANEXO 1	47
	ANEXO 2	48

1 INTRODUÇÃO

No Brasil é cada vez mais crescente o percentual de jovens que estão inseridos no Ensino médio das redes públicas. Na medida em que esses números se intensificam, cresce também o percentual de estudantes que por profusas razões se distanciam ou abandonam por total os estudos. Segundo dados trazidos pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUNVE, 2020) cerca 4 milhões de estudantes brasileiros abandonaram a escola, destes jovens uma porcentagem de 54% é pertencente às classes D e E. Tal fato se concretizou pelos fortes impactos que a pandemia da Covid-19, em 2020, trouxe para as vidas dos brasileiros, em especial para a juventude.

Segundo o Conjuve (2021) que contou em sua pesquisa virtual com uma base de 59.599 respostas, expressou que 40% da classe juvenil são totalmente dependentes financeiramente de suas famílias, dessa quantidade, 69% são jovens com idade entre 15 a 17 anos. Desses jovens sua grande maioria estão se dedicando aos estudos. No entanto é importante destacar a informação de que dos entrevistados, de 64% que estão estudando, há aqueles que estão matriculados na escola e em meio aos profusos desafios, não obstante estão conseguindo participar, perfaz ainda aqueles que estão matriculados nas aulas, mas não estão conseguindo acompanhá-las, os números correspondem a 87% e 10% respectivamente. Portanto, pensemos o quanto a instituição escolar, protagonizando os jovens estudantes que a frequentam e a vivenciam, foram fortemente afetados pelo contexto pandêmico, que comprometeu além de tudo, as suas condições emocionais, educativas e econômicas. Com relação as dificuldades econômicas que consternou as inúmeras famílias desses jovens, temos que

Entre jovens que pararam de estudar, o principal motivo é financeiro e dificuldade de se organizar com o ensino remoto. Quanto mais velhos, maior o abandono por causa de questões envolvidas ao financeiro e trabalho. Entre mais novos, mais comuns são questões ligadas a obstáculos ou baixo engajamento com ensino remoto e conteúdos trabalhados. (CONJUVE,2021, p.59)

Dessa forma, a justificativa para a construção deste estudo se dá pela predileção em analisar e articular sobre os impactos negativos que inquietou a juventude – colocando-a no centro deste debate, de modo a gerar espaço e dar a devida importância para suas percepções e vivências – e a comprometeu a um sistema de vida socioeducativo e econômico limitado, principalmente nas experiências formadoras e socializadoras, proporcionadas pelo espaço físico da escola, mas também fora dela, sendo ponderoso para que possamos visualizar a dimensão da situação que ainda recorre em suas realidades. A

escolha pelo lugar, da escola José Tristão Filho, Guaiúba- CE, se deu pela familiarização com os jovens e com o espaço e demais facilidades de acesso a este meio em virtude da minha inserção nesta instituição como professor da disciplina de Sociologia

Para além do mais, é fundamental pontuar ainda, a escolha do uso de uma escrita pessoal para a construção desta pesquisa narrativa. Sob a tentativa de apresentar ao leitor uma aproximação não apenas com os interlocutores e espaço campo, mas, inclusive, com o percurso da escrita e a construção de cada etapa do trabalho, junto ao processo juvenil que tanto interessa a mim enquanto professor- pesquisador atuante no espaço escolar. Momberger (2011), diz que ao narrarmos um fato ou história em que nos colocamos, estamos diante da sistematização e estruturação de acontecimentos ou situações de nossa própria existência, na relação de si com o mundo. Trata-se assim de um mecanismo que dar forma, sentidos e significados aquilo que vivenciamos, ela acrescenta que “O poder de formação, de formação no ato, reside na narrativa e está em nós por sermos os relatores” (MOMBERGER, 2011, p.341). nos possibilitando também agir enquanto um personagem, mas sem se distanciar do foco principal e dos agentes centrais que movem os interesses da pesquisa. Desse modo, a autora nos mostra que a narrativa possibilita dar lugar as histórias de vida, dando forma as experiências que dela se produzem e quando escritas de maneira a inserir o relator, permite ao sujeito, por meio da inserção, “integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos.” (MOMBERGER, 2011, p.342).

Por conseguinte, este trabalho poderá contribuir para a reflexão sobre a seriedade dos processos juvenis, não apenas dos jovens trazidos aqui, mas de tantos outros, inseridos em diferentes contextos sociais e realidades desiguais/iguais, e ainda possibilitar o pensamento em relação ao papel da educação brasileira nas redes públicas. Com isto, para sair de uma dimensão macro e representar uma dimensão micro partimos do desejo em saber: *De que modo a pandemia, da Covid-19, impactou a vida pessoal e estudantil de jovens da escola pública de ensino médio José Tristão Filho, Guaiúba-CE.* Trazendo para a discussão proposta, por meio de narrativas juvenis, a realidade vivenciada por jovens interioranos estudantes desta escola pública, situada na cidade de Guaiúba, interior do estado do Ceará.

A priori, é oportuno apontar a partir de dados oficiais fornecidos pela instituição em questão que no ano de 2019, houve o enfrentamento de uma taxa de abandono¹ escolar por parte dos estudantes, esses números correspondem a 19.50% nas turmas de primeiro ano, 7.90% nos segundos anos e 8.00% nas turmas de terceiro ano. Percebemos que o maior índice de saída precoce se concentra nos anos iniciais de entrada no ensino médio onde muitos jovens abandonam por total seus estudos ou migram para o modelo de ensino EJA (Educação de Jovens e Adultos) cujo nesse mesmo ano a taxa de migração foi de 1.57% para os estudantes de primeiro ano e 1.35% para os segundos anos e 0.00% para os terceiros. Apesar de haver um certo quantitativo de afastamento destes alunos em decorrência de diversas razões, tendo em mente como um dos possíveis motivos para este fato as questões relacionadas a trabalho e problemáticas sociais e econômicas, nos anos de 2020 e 2021, segundo informações fornecidas pela escola, não houveram taxas de abandono escolar ou migração para a EJA. Isso nos permite compreender que os estudantes permaneceram matriculados em suas aulas, o que por hipótese nos faz pensar que esse fato possa ter relação com os desafios do controle da frequência escolar por parte dos docentes e coordenadores no período em questão junto a indicação de não reprovar os estudantes no período de pandemia, questões estas que contribuiriam para que permanecessem ativos, pelo menos por meio dos documentos, na instituição escolar.

Nesse sentido, é pertinente refletir sobre a escola enquanto um dos principais espaços de inserção do jovem, uma vez que esta instituição o acompanha em grande parte do seu itinerário formativo e social, bem como refletir de que modo múltiplas experiências escolares juvenis foram interrompidas pela situação de pandemia (iniciando o isolamento social em março de 2020). Destarte, é importante apontar quanto a demarcação do ensino remoto adotado neste período, acompanhado de um Educação a Distância (EAD) este modelo educacional ocupou uma posição de urgência como modo de suprir as necessidades das atividades escolares que ocorriam presencialmente. Röwer (2021) apresenta sobre a suspensão das atividades presenciais escolares por meio do Decreto n. 33.510, assinado em 16 de março de 2020, pelo governo do estado do Ceará.

¹É cabível apresentar a existência de uma diferença existente entre os termos abandono escolar e evasão escolar, segundo o Observatório de Educação Ensino Médio e Gestão, temos a situação de abandono quando o estudante interrompe a sua presença na escola deixando de frequentar as aulas em algum período do ano letivo, quando se trata da evasão é referente ao contexto em que o estudante apesar de sua frequência ou infrequência, aprovação ou reprovação no colégio não efetua a sua matrícula na instituição no ano seguinte. Entretanto, a escola campo referida, usa em seus dados o termo abandono.

É apresentado que “Segundo informações da Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC), cada unidade de ensino elaborou um plano de atividades domiciliares dando seguimento ao calendário [...]” (CEARA, 2020, apud. RÖWER, 2021, p.162). Tais ações que compuseram o plano de atividades foram excepcionalmente realizadas de maneira remota, estabelecendo o contexto de distanciamento entre os jovens.

Em uma pesquisa mais recente, novamente realizada pelo Atlas das Juventudes em parceria com Conjuve (2022) é apresentado que grande parte dos jovens hoje no Brasil, sentem-se prejudicados nos estudos como consequência da pandemia e dos contratempos recorrentes no ensino remoto. É pontuado ainda que “Durante os anos da pandemia boa parte dos jovens chegou a interromper os estudos em algum momento. Nos últimos 6 meses, 11% ainda pensam em parar de estudar e 34% já pensaram, mas dizem não querer mais deixar os estudos.” (CONJUVE, 2022, p.87). evidenciando que ainda no ano de 2022, os efeitos, do não tão efetivo ensino a distância, se fazem presentes nas realidades emocionais e educativas juvenis.

A partir da paralisação de vivências socializadoras para os jovens, levando em consideração a sua condição de estudante, mas sem ignorar o seu caráter juvenil, compete indagar a relação escola-juventude, “privilegiando a reflexão sobre as tensões e ambigüidades vivenciadas pelo jovem, ao se constituir como aluno num cotidiano escolar que não leva em conta a sua condição juvenil.” (DAYRELL, 2007, p.1107).

É permitido então afirmar que algumas situações vivenciadas pelos jovens em um cenário estável de controle sanitário possuem um caráter altamente desafiador, sejam elas sentidas dentro das instituições de ensino ou para além dos muros da escola, Dayrell (2007) nos diz que:

[...] os jovens enfrentam desafios consideráveis. Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. Um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro. (DAYRELL, 2007, p.1108 e 1109).

O modo como cada experiência atribui um significado a vida do jovem é altamente importante, seja pelas conversas nos intervalos das aulas, as trocas de ideias e “fococas” sobre o que aconteceu no último final de semana, o próprio contato físico e a sensação de pertencimento a um grupo, provocada pelos risos ou pelos abraços distribuídos, ou pelos próprios conflitos e situações de tensões marcadas pelas divergências de opiniões ou comportamentos, os momentos de lazer nas praças, nas periferias, nas noites de sábado.

Os momentos específicos ou gerais, vividos em socialização os marcam. Dayrell (2007) destaca que eles possibilitam criar as características de um “eu” e um “nós”. Esse modo de socialização, englobando as trajetórias na escola, no bairro e na cidade os acompanham cotidianamente, entretanto com o delicado contexto de pandemia que assolou a vida de muitos jovens, os desafios já presentes em um momento anterior sofreram um desdobramento e essa rede de entrosamento recebeu uma nova configuração.

Desse modo, para interpretá-la contou-se com um itinerário narrativo, por meio do diálogo com os próprios jovens da escola referida, assim, o desenvolvimento deste trabalho apoiou-se na realização de uma entrevista semi- estruturada realizada com um grupo focal – processo esse, melhor descrito nas seguintes seções – juntamente a análise e interpretação de suas colocações sobre o período de pandemia. Para fundamentar e dialogar com as experiências e processos descritos pelos interlocutores, somou-se como suporte as contribuições de Pais (1990) e (2016), Alves (2017), Dayrell (2007), Silva (2021); Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021). entre outros autores que fomentam contributos sobre juventudes e pandemia.

Este trabalho se constitui de sete partes. Na primeira parte, é apresentada a introdução do tema e proposta de pesquisa. Na segunda parte, temos a contextualização do espaço campo utilizado para a realização deste estudo e do processo metodológico cumprido. Na terceira parte, conta-se com a descrição do processo de entrevista em grupo realizado na escola em questão. Na quarta parte, pontua-se sobre as discussões e reflexões das vivências escolares experimentadas pelos jovens estudantes no período de pandemia da Covid- 19. Na quinta parte, uma abordagem relacionada as perspectivas de futuro dos interlocutores desta pesquisa. Na sexta parte, descreve-se o período de readaptação das atividades presenciais, proporcionadas pelo retorno a escola. Por último, são descritas as considerações finais.

2 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO E A METODOLOGIA

Ao escolher determinado espaço como campo de pesquisa, podemos nos deparar com uma passagem de inserção que envolve sujeitos, realidades, construções e trajetórias além do próprio espaço físico em si. Deve haver cuidado e atenção com as pré-noções existentes sobre o lugar ou os indivíduos que ali transitam para que não interfiram no seguimento do trabalho. O processo de conhecimento e familiarização com o instrumento

de estudo pode ser constituído de diversas camadas que vão sendo rompidas ao longo do percurso da pesquisa, os acessos vão se fazendo menos desafiadores e as primeiras impressões vão se esvaindo para dar espaço para novas percepções adquiridas com as experiências e conhecimento sobre a história que sustenta tal lugar. Assim, se faz necessário reunir informações relacionadas ao ambiente para situar e ilustrar aquilo que foi proposto a discussão, nesse sentido, contextualizar o campo é importante para elaborar uma aproximação entre a pesquisa, bem como seus interlocutores, espaço e o leitor.

Desse modo, a EEFM José Tristão Filho, é uma escola de ensino médio da rede pública situada na cidade de Guaiúba, região metropolitana de Fortaleza, interior do Ceará, mais precisamente, localizada na Rua Maria do Carmo do bairro Helder Bezerra, região um tanto afastada do centro da cidade, próxima ao hospital municipal, a igreja matriz da cidade e a uma creche que atende as demandas de educação e cuidado para com as mães e crianças da comunidade. Este espaço institucional é constituído por uma estrutura que oferece certo conforto aos seus estudantes e funcionários, em seus espaços físicos há acesso a internet, biblioteca, quadra esportiva coberta, laboratório de ciências e de informática, refeitório e outras áreas recreativas que contribuem para momentos mais atrativos e de descontração entre os jovens nos intervalos das aulas. É importante pontuar que há duas escolas de ensino médio na cidade referida, uma de ensino profissionalizante e a escola em questão, que se encontra em um processo de migração do ensino regular para o ensino em tempo integral.

Desse modo, se faz importante mencionar que a escola José Tristão Filho acolhe um quantitativo alto de estudantes, incluindo jovens alunos pertencentes as classes mais baixas, das camadas menos favorecidas que partilham das mais diversas condições e realidades sociais, o que torna desafiador o trabalho exercido neste espaço, estes sujeitos são pertencentes as regiões centrais da cidade, mas também há os das localidades distritais conhecidas como Água verde, Parronca, Itacima, Mata fresca, Dourado e também de municípios vizinhos, tal qual da cidade de Pacatuba- CE, que se distribuem entres as classes de ensino regular e da educação de jovens e adultos.

Para além, é fundamental dissertar sobre o processo de desenvolvimento deste trabalho e sobre o método utilizado para alcançar determinados fins, ilustrando os caminhos planejados para o processo referido e quais aparatos auxiliaram no seu desenvolvimento.

No que diz respeito ao seu aspecto metodológico, este estudo foi desenvolvido por meio do método qualitativo, em especial partindo da análise de narrativas de jovens estudantes da rede pública (Escola José Tristão Filho) do município de Guaiúba- CE, onde suas falas e reflexões, colhidas por meio de uma construção dialógica, foram potencializadas para direcionar e ganhar destaque nesta pesquisa. Quanto as potencialidades da fala, possibilitadas por meio do espaço de partilha e diálogo, Ferreira; Raimundo (2017) evidenciam que “as <<conversas>> induzidas pelo pesquisador com os sujeitos de estudo têm sido dispositivos metodológicos privilegiados na pesquisa qualitativa em ciências sociais”(FERREIRA; RAIMUNDO, 2017, p.57), gerando para o estudo uma conexão com as múltiplas realidades e percepções dos sujeitos por meio da oratória. Conduzindo melhor este processo examinador, se faz imprescindível apresentar a minha posição de observador participante, permitida em um primeiro momento a partir da minha condição de professor de sociologia destes alunos, funcionário da instituição do campo de estudo, ao mesmo tempo em que me disponho enquanto pesquisador, para a construção desta pesquisa.

Desse modo, para ter acesso e obter os discursos dos interlocutores, ocorreu a organização de um grupo focal, guiado por um roteiro de entrevista que continham em torno de dezesseis perguntas semiestruturadas que objetivavam, de um modo geral, conhecer a trajetória e os desafios enfrentados por estes jovens com relação a escola, educação e a condição de distanciamento social neste período, abordando ainda sobre as suas perspectivas de futuro e o retorno para a escola. Como colocado por Ferreira e Raimundo (2017), “o grupo focal é uma técnica específica de produção de dados discursivos em contexto grupal” (FERREIRA; RAIMUNDO, 2017, p.59) nos permitindo visualizar o seguimento específico a que ele se fomenta marcado pela diferença, quando se trata de narrativas, da entrevista individual. Quanto a isso Bauer e Gaskell (2002) nos dizem que:

Em sua essência, a pesquisa mostra que o grupo, distinto de determinado número de pessoas em um mesmo local, é mais do que a soma das partes: ele se torna uma entidade em si mesma. [...] A emergência do grupo caminha lado a lado com o desenvolvimento de uma identidade compartilhada, esse sentido de um destino comum presente quando dizemos "nós". (BAUER; GASKELL, 2002, p.75).

A partir disso se deu a razão pela escolha de uma abordagem qualitativa, de maneira grupal, para a construção de narrativas juvenis que compusessem este estudo. Nesse sentido, podemos compreender que a pesquisa partindo de um processo que se utiliza de entrevistas deve ser visualizada enquanto um processo social, onde há uma

interação ou um entendimento na construção de sentidos coletivamente, usando as palavras como um mecanismo que possibilita a partilha. (BAUER; GASKELL, 2002).

Quanto a seleção dos colaboradores, foi dada partir das suas habilidades de comunicação, observadas por meio das aulas de sociologia e também de acordo com seus interesses e disponibilidade em contribuir com esta pesquisa, fechando o grupo em um total de seis membros, três mulheres e três homens. Ademais, os autores apresentam que:

[...] qualquer situação de entrevista corresponde a uma *situação excepcional* de comunicação verbal, em circunstâncias que envolvem um encontro *privado* sujeito a regras explícitas de anonimato e confidencialidade da informação partilhada; *localizado* no tempo e no espaço, e sempre a pedido do investigador; e *formalizado* em torno de papéis claros, onde cabe ao entrevistador lançar questões sobre os tópicos que lhe interessam e ao entrevistados dar resposta às solicitações do primeiro. (FERREIRA, 2014, apud. FERREIRA; RAIMUNDO, 2017, p.57).

Apesar de haver um direcionamento, quanto aos interesses da pesquisa, outras colocações feitas pelos interlocutores durante a conversa não foram desconsideradas. Por se tratar de um espaço aberto ao diálogo, sobretudo, as narrativas, houve aceitação quanto a novas possibilidades no processo de entrevista. Sobre os pontos positivos ao conduzir os espaços de conversas nesse modelo, dinamizando o momento do compartilhamento de experiências, Ferreira e Raimundo (2017) defendem ainda que:

Estas são condições que promovem o sucesso das dinâmicas de grupo junto de jovens, facilitando a fluidez da produção discursiva e amplitude das posições tomadas, ao desenvolver um diálogo que se aproxima dos interesses e preocupações das realidades juvenis quotidianas.” (FERREIRA; RAIMUNDO. 2017, p.70).

Com relação as ferramentas utilizadas no processo, contou-se com o recurso de gravador de voz de um celular *smartphone* para registrar e documentar a fala dos entrevistados, sujeitas a análises e demais interpretações para, posteriormente, serem introduzidas no corpo deste texto, houve ainda o uso de um termo de consentimento livre esclarecido assinados pelos jovens e responsáveis (no caso dos estudantes menores de idade) para assegurar a participação voluntária no processo de entrevista.

Para além do mais, contou-se a partir de observações de campo, com registros das experiências tidas escritos diretamente no corpo deste texto, de modo a assemelhar-se ao diário de campo. Oliveira (2014) nos diz que “[...]construímos o diário de campo para ser o lugar de registro dos movimentos, das leituras, dos tempos, espaços e das observações que ocorrem/ocorreram [...]” (OLIVEIRA,2014, p.3), nesse sentido, o registro dos acontecimentos e percepções existentes permitiram caracterizar e personificar melhor os

sentimentos, gestos, posturas, falas e comportamentos que não foram totalmente captados por outros dispositivos de pesquisa. Nesse processo, constituído também de notas de campo, “podem ser registradas tanto as perspectivas que o/a pesquisador/a tem ao iniciar a pesquisa como as diversas teias que envolvem cada momento, do campo de pesquisa/lócus ao diálogo com os escritos que emergiram das diversas observações.” (OLIVEIRA,2014, p.6), possibilitando, como destacado pela autora, a interpretação tanto do espaço e dos agentes juvenis que potencializaram esta pesquisa, quanto de nós mesmos.

Em relação aos objetivos, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa explicativa, buscando, como abordado por Prodanov e Freitas (2013), explicar por intermédio de análises e interpretações acerca das narrativas colhidas e das observações cotidianas dos jovens no espaço escolar, os fenômenos que ocorre/m/ram em suas vidas e as possíveis causas destes fatos. Sobre os procedimentos técnicos e a abordagem do problema, a pesquisa conta uma análise bibliográfica e pesquisa de campo junto a uma abordagem qualitativa guiada por uma entrevista. Para explanar ainda mais o processo metodológico da entrevista, especificamente do dia e momento exato da sua realização com o grupo focal de estudantes, teremos a próxima seção, que irá abordar, a partir de relatos, referentes a notas de campo, sobre o itinerário dialógico ocorrido.

3 SOBRE TRAJETOS E REALIZAÇÕES (NOTAS DE CAMPO SOBRE O PROCESSO DA ENTREVISTA EM GRUPO)

É manhã de sexta-feira (26 de agosto de 2022) dirijo-me a escola José Tristão Filho, por volta das 06h45min, saio caminhando de minha casa até a escola, perfazendo um caminho de 15min. Está uma manhã de sol apesar do horário não ser tardio. A razão da pontualidade para estar na instituição é devido ao compromisso do trabalho que exerço na escola como professor de sociologia, entrando em sala às 07h, logo na primeira aula do dia.

Ao chegar no ambiente escolar observo alguns estudantes que estão se aproximando a entrada da escola, seus comportamentos e expressões variam entre cansaço, talvez causado pelo sono da manhã ou pelo sentimento de indisposição para assistir as aulas de sexta, alguns sorrisos e conversas paralelas e outras expressões de alívio por se tratar do último dia de aula da semana. Cumprimento-os com um sorriso no

rosto, desejando a eles um bom dia. Ao cruzar a porta principal, gesticulo para o diretor da escola e para o guarda, acompanhados de mais um bom dia para ambos.

Deslocando-me ao primeiro corredor da escola, me deparo com alguns estudantes jogando *ping-pong* nas proximidades do refeitório da escola, enquanto outros interagem entre si (de maneira enérgica), conversando, alguns indo de uma ponta a outra, desfilando pela longa passagem entre as salas de aula ao som de músicas que tocam no pátio pela rádio da escola (talvez para animá-los logo de manhã cedo). Observando a diversidade que compõe essa cena, vou ao encontro da última sala do corredor à direita, para iniciar a primeira aula de sociologia para a turma do terceiro ano B.

Finalizando a primeira aula me direciono a coordenação para lembrar (essa atividade já havia sido acordada anteriormente) o processo de entrevista em grupo com alguns estudantes do terceiro ano que ocorreria pela manhã, informando-os sobre os horários de aula reservados por mim alguns dias antes. Se faz importante evidenciar que abri mão de duas aulas minhas de sociologia (de uma turma de terceiro ano e outra de primeiro, na terceira e quarta aula respectivamente), para poder me dedicar a entrevista com os jovens estudantes, contudo, deixei anotado uma atividade para cada turma fazer no período em que eu estivesse ausente, sob a supervisão de uma das coordenadoras da instituição. Chegado o momento, pontualmente as 09h da manhã caminho até a sala de aula da turma do terceiro ano C, rapidamente os recepciono para entrarem em sala de aula (os alunos estavam voltando do horário de intervalo) e introduzo uma breve explicação sobre a dinâmica da aula, os deixando com uma atividade enquanto retiro três estudantes para me acompanharem a entrevista. Ao sair, passo pela turma de terceiro ano B, que fica na sala ao lado, para chamar outros três estudantes que fecham a composição do meu grupo.

Destaco que estes jovens alunos já haviam sido convidados anteriormente a serem interlocutores de minha pesquisa, o critério de escolha se deu pelo fato de estarem no último ano do ensino médio, vivenciando este período de suas vidas escolares durante os dois anos de pandemia (primeiro ano do ensino médio em 2020 e segundo ano em 2021) tendo experimentado toda esta realidade desde a sua entrada na escola até o atual momento. Houve também, como mencionado na seção anterior sobre metodologia, um processo de observação no decorrer das minhas aulas e outros momentos informais, chamando a minha atenção aqueles que possuíam maior fluidez e facilidade de comunicação e que em um primeiro momento se mostrassem dispostos a colaborar

com o estudo, em sua formação o grupo continha três jovens mulheres e três jovens homens, com idades entre 17 e 20 anos.

Dessa maneira, fomos caminhando e conversando em direção ao laboratório de ciências, no trajeto até lá, passamos por alguns espaços institucionais de acesso estudantil como a biblioteca e a entrada que dá acesso a diretoria, secretaria e coordenação, passamos também por lugares menos enrijecidos e de maior liberdade para os jovens estudantes como a cantina, o refeitório e o pátio. Ainda neste breve deslocamento cruzamos com outros adolescentes que se mostravam aguçados e curiosos com o que estava acontecendo, na área de convivência haviam aqueles que resistiam para entrar em suas aulas e assistirem as suas aulas.

Chegando ao laboratório, ligo as luzes e organizo de maneira objetiva o ambiente, as mesas e cadeiras se encontravam em formato de círculo o que favoreceu um espaço igualitário e acolhedor para que os entrevistados se sentissem mais próximos e a vontade uns com os outros. Enquanto conversamos informalmente sobre o momento que se iniciará, escuto deles sobre os seus sentimentos de ansiedade para esta ocasião e o desejo enfreador de falar junto ao significado de serem ouvidos, contribuindo grandiosamente para o ensejo da partilha de suas vivências.

Após o momento de acolhida organizo o meu guia de entrevista e apresento a eles minha proposta de pesquisa enfatizando a minha pretensão em saber de que modo a pandemia da Covid-19 impactou as suas vidas tanto dentro quanto fora da escola. Por conseguinte, mantemos diálogos iniciais na tentativa de criar um ambiente descontraído, seguro e familiar para os estudantes com o objetivo de que se sentissem confortáveis. Dado o início peço a eles permissão para gravar a nossa conversa explicando-os que seria de uso exclusivo para a minha pesquisa e que suas vozes e nomes seriam preservados, ao receber o consentimento de todos, inicio a gravação usando um celular *smartphone*.

Cabe destacar que próximo ao laboratório de ciências, local em que estávamos para a conversa em grupo, estava acontecendo uma obra de construção de duas novas salas de aula para a escola, o barulho dos equipamentos e dos trabalhadores em suas atividades nos comprometeu levemente, mas nada que nos impossibilitasse de realizar nossa conversa. Assim, principiamos o diálogo – iniciado as 9h:05min e finalizado as 10h:40min, somando 1h:24min de entrevista, em decorrência de algumas pausas e interrupções – com o processo de identificação dos entrevistados.

-Olá bom dia meu nome é Dalva², sou do distrito de Parronca, e tenho minha própria casa e eu tenho 20 anos.

-Meu nome é Daniel, eu moro na localidade de Guaiúba, tem 18 anos, moro com a minha mãe e com meu irmão.

-Meu nome é Alexia, tenho 17 anos, moro na Guaiúba, moro com meu pai, minha mãe e minha vó.

-Meu nome é Marcos, tenho 17 anos, moro central de Pacatuba e moro com meus pais e meu irmão.

-Meu nome é Geovana, tenho 17 anos, moro no Bom Princípio e moro com meu pai e minha mãe.

-Meu nome é William, eu tenho 17 anos, moro aqui em Guaiúba e moro com meus pais e meus irmãos.

4 QUANDO A ESCOLA É INTERROMPIDA... *DO NADA TUDO SE FECHA, VOCÊ PERDE ESSE CONTATO SOCIAL, QUE PRA MIM, SEMPRE FOI MUITO IMPORTANTE*

Em diálogo com jovens estudantes do terceiro ano da escola pública de ensino médio, campo de pesquisa já mencionado anteriormente para este trabalho, é expressado inicialmente o sentimento vivenciado num momento que marcou o primeiro contato com a situação de pandemia. “Foi um choque grande! Porque... você teve que mudar o seu dia a dia, o seu modo de viver, eu ia dar a benção minha vó e meu vô, eu parei de visitar eles e... com essa pandemia eu perdi três pessoas da minha família, minha vó, meu tio e minha tia...”- (Dalva, estudante do ensino médio). Percebe-se a partir deste fragmento, que para além das relações juvenis propiciadas pela escola, a forma como as relações pessoais, sustentada pelo convívio familiar também foram afetadas, no caso de Dalva, algumas práticas culturais religiosas como o gesto de pedir benção a seus familiares tornou-se uma ação inviável, em decorrência do afastamento físico necessário neste contexto.

Por conseguinte, é possível cogitar que os sujeitos, em especial os jovens estudantes que adentraram no ensino médio a partir do ano de 2020, tenham partilhado

²Os nomes mencionados são de construção fictícia por razões éticas, a escolha se dá em decorrência de resguardar no anonimato a verdadeira identidade dos interlocutores desta pesquisa.

de um significativo momento de suas vidas, marcado pelo bloqueio de vivências, que não os atingiram exclusivamente, mas sim interferiram ao mesmo tempo em suas realidades sociais e na vida de outros jovens pelo mundo neste dado período.

Tipo agora a gente vai chegar no ensino médio, vai chegar aonde a gente sempre quis estar, aquele pensamento de ah, vamos conhecer pessoas novas, vamos ter um círculo de amizade maior, vai ter conteúdo diferente, e do nada tudo para, então foi meio que impactante esse começo, foi muito difícil, é, porque você vem, querendo ou não você vem com um planejamento meio que pronto de como você vai prosseguir, aquela questão, não, vou focar mais, vou decidir o que eu quero da minha vida e tal e do nada tudo se fecha, você perde esse contato social, que pra mim, sempre foi muito importante, eu sempre gostei muito de, de tá com as pessoas, de conversar com as pessoas, de, de tá ali naquele momento da aula, mas tipo assim, chegar na pessoa dizer, ah como é que você tá? Tá tudo bem? Como é que tá na sua casa, como é que tá a sua família... Eu sempre fui essa pessoa de ter esse contato com essas pessoas, além do estudo e perder tudo isso de maneira súbita assim, pra mim foi impactante demais (William, estudante do ensino médio)

Trazendo o processo de entrada no ensino médio enquanto um imponente momento de sua vida, muitos jovens enxergam essa transição do ensino fundamental para o ensino médio como o princípio de uma fase da vida juvenil marcado por possibilidades e novidades de um futuro que virou presente, como expressado na fala de William, que se encontrava com um planejamento de vida preparado para o ano que se iniciara, sustentado pelo entusiasmo de viver novas experiências educativas e nas suas relações interpessoais e afetivas, entretanto, suas expectativas acompanharam-se do sentimento de frustração pelas interrupções ocorridas. Tal colocação nos aguça a ponderar que as relações criadas e amadurecidas entre os jovens, a partir de suas interações uns com os outros, possuem bastante influência da realidade social em que eles estão inseridos, os espaços que mediam e permitem essas experiências contribuem para a condição de juventude que cada indivíduo possui. Nesse sentido, as vivências e trocas tidas nesses espaços (que não sejam necessariamente os familiares e os institucionais) são incisivas para os desdobramentos de suas vidas no presente e futuro. Quanto a isso, Dayrell (2007) nos diz que algumas dimensões da juventude, influenciadas pelo espaço,

[...] passa a ter sentidos próprios, transformando-se em lugar, o espaço do fluir da vida, do vivido, sendo o suporte e a mediação das relações sociais, investido de sentidos próprios, além de ser a ancoragem da memória, tanto individual quanto coletiva. Os jovens tendem a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significados. (DAYRELL, 2007, p,1112).

Com o surto do vírus da covid-19 e as medidas restritivas de segurança, algumas expansões nas relações sociais entre os jovens, mediadas pelos espaços, que se estendam aos familiares (vivências de casa) sofreram alterações e implicações. As possibilidades e

anseios, antes presentes no imaginário juvenil, ficaram ausentes na realidade em que se enfrentara, o universo que se consolidava era o do distanciamento, logo, as chances de construção juvenil e exploração mundo a fora não pareciam mais possíveis.

Você não sabia quando você ia sair da pandemia e retornar ali praquele convívio social que você tava acostumado. Eu sempre fui uma pessoa muito social, sociável, eu já jogava com todo mundo aí veio a pandemia e esses diálogos foram sempre pelo celular sempre, sempre, sempre e tinha momentos que você enjoava daquilo, até das aulas que era cansativas. (Daniel, estudante do ensino médio)

Nesse sentido, assistimos a ruptura de partilhas e aprendizados significativos para a construção juvenil. Em algumas situações as redes de entrosamento vivenciadas, agora pelo universo virtual, não supriam a experiência do real como descrito na fala de Daniel, que por creditar a uma de suas características jovial a sociabilidade com outros espaços e sujeitos sofreu com esse processo de adaptação da distância, restringindo-se ao cansaço por sustentar os diálogos e até mesmo os seus estudos, através de uma tela limitada, reduzida da realidade.

Em contraposição a este fato, não podemos deixar de mencionar que outros jovens partilham de relações sociais mediadas pela tecnologia e o mundo virtual, as chamadas relações online. Conforme Fialho; Sousa (2019), fica evidente a intercessão da tecnologia, em especial das redes de comunicação, nas relações e formação dos jovens na atualidade, estando elas de alguma forma ligada aos seus comportamentos, formas de linguagem e pensamento, dando novos sentidos e significados as situações e experiências vivenciadas por eles. As autoras destacam que “Para além dos problemas e benefícios emergentes com a comunicação mediada pelas redes sociais, esse canal permite a expressão do público juvenil, tornando-se, também, espaço de formação de identidades [...]” (FIALHO; SOUSA, 2019, p.214), nos possibilitando discernir, mas sem desconsiderar, a visão e os sentimentos opostos quanto ao uso das redes sociais pelos jovens. É apresentando ainda que:

Considerar o impacto das redes sociais na vida dos jovens é reconhecer que o mundo virtual se tornou palco central das comunicações e encontros, que, em geral, acontecem principalmente a partir da formação de grupos. Tais espaços consistem em importantes expressões da vida dos jovens, que dividem seus medos e angústias, manifestam suas expressões religiosas, culturais e políticas. Portanto, a vida no ciberespaço também tem o caráter harmonizador entre os indivíduos, rompendo as fronteiras físicas. (FIALHO; SOUSA, 2019, p.216-217)

Trazendo este contexto pandêmico, relacionando as ideias sobre geração, Pais (1990) quando apresenta sobre a corrente geracional, semelhanças de vida enfrentadas em determinada conjuntura por indivíduos de uma mesma geração, nos coloca que:

Para esta corrente, os indivíduos experimentaríamos o seu mundo, as suas circunstâncias e os seus problemas, como membros de uma geração [...]. Isto é, para a corrente geracional, as experiências de determinados indivíduos são compartilhadas por outros indivíduos da mesma geração, que vivem, por esse facto, circunstâncias semelhantes e que têm de enfrentar-se com problemas similares. (PAIS, 1990, p.153-154).

Entretanto, Pais (1990) pontua que “Não quer isto dizer que, para esta corrente, diferentes perspectivas de vida não possam ser específicas de jovens de uma mesma geração” (PAIS, 1990, p.154) nos fazendo visualizar que, embora estes estudantes tenham passado, por hipótese, ao mesmo tempo por uma grande mudança em suas relações cotidianas, cada jovem experimentou, de maneira heterogênea, as emoções deste período. O impacto inicial da situação agravada da saúde no mundo, pôde ser experimentado sobre diferentes perspectivas por estes sujeitos.

Começou a pandemia e a gente ficou dois anos em casa e aí foi meio difícil porque, porque eu tava decidido em quê, chegar na escola, esse ano ensino médio novo, eu ia começar a focar muito nos estudos, só que aconteceu isso e a gente ficou praticamente um ano em casa, no começo, demorou muito pra gente começar a ter aula online e quando a gente começou a ter aula online, mesmo assim não é a mesma coisa de presencial, de você tá ali na frente do professor, tá com seus colegas, conversar com seus colegas, conversar sobre atividade, procurar saber mais, de tirar suas dúvidas pro professor pessoalmente, é diferente de você tá em casa entendeu? Então isso estudar em casa foi meio difícil – (Alexia, estudante do ensino médio)

Fazendo menção as dificuldades tidas, principalmente no que diz respeito a condição educativa sustentada pelo sistema remoto de ensino, vemos o desafio, entre tantos outros, da ausência física do espaço institucional, não somente pela construção concreta em si, mas pelos sujeitos que ali transitam e constituem as vivências, marcadas pela figura de um professor e dos colegas de turma, como expressado na fala de Alexia. Sobre a relação entre professor e aluno, Corti (2014) pontua que “A relação professor-aluno passa a ser racionalizada e mediada pelos conteúdos escolares. As bases da relação precisam ser construídas, exigem um investimento do professor na construção do seu espaço de importância na formação desses jovens.” (CORTI, 2014, p.315) tal colocação nos permite visualizar o significado da presença do professor como um mediador de saberes, atuante no espaço da sala de aula, mas que para além disso, ele exista enquanto um sujeito passivo da condição humana, que contribui na formação pessoal de seus jovens estudantes.

Quanto as conexões estabelecidas entre os próprios estudantes, podemos reforçar a visão da escola enquanto um espaço de socialização e ainda a importância dessas relações sociais, criadas e amadurecidas, para o desenvolvimento dos jovens que constituem este lugar. Corti (2014) apresenta que “Os jovens que chegam às salas de aula trazem uma história construída, relacionada à convivência familiar e cultural ao longo da infância, às experiências escolares anteriores [...]” (CORTI, 2014, p316). Assim, eles traçam relações de compartilhamento e identificação a partir de suas vivências e seus interesses, não resumindo suas interações somente aos assuntos escolares, consolidando vínculos que possam se estender aos coleguismos. Desta forma, vivenciam o espaço escolar nas suas posições de alunos, mas não apagam as suas realidades enquanto jovens. A autora ainda acrescenta que:

Suas interações contínuas e a construção de mecanismos de sociabilidade paralelos à escola criam uma rede de interdependências entre os próprios alunos, geram expectativas de comportamentos, normas informais e uma verdadeira cultura dos alunos. Ou seja, eles estão vivendo a escola ao mesmo tempo em que estão construindo uma vivência como adolescentes e jovens, se interessando por assuntos, desenvolvendo um linguajar próprio, criando um estilo para si e buscando o reconhecimento do olhar do outro, principalmente de seus colegas. (CORTI, 2014, p.318)

Com isso, cabe refletir e trazer para esta discussão sobre como se intensificou a vida dos jovens nesse período em que as experiências pessoais e interpessoais, fisicamente, dentro e fora da escola, foram comprometidas. As relações de comunicação, identidade, afeto e entre outras relações construtivas, ganharam uma nova roupagem, para aqueles que tem/tinham acesso a meios e recursos tecnológicos ascendeu-se o que antes já vinha se consolidando, a forte interação por meio do mundo virtual. Essa forma (já existente) de se manter conectado a outras pessoas, mesmo com suas limitações, foi altamente utilizada para sustentar as relações de proximidades e diálogos que durante os anos de 2020 e 2021 foram quebradas, podendo até ser visto esse contato em grandes proporções com o virtual, em paralelo a ideia de Pais (2001), como uma fuga do mundo real, no caso referido, de um contexto comprometido pelos perigos de um vírus e suas drásticas consequências. Contudo, o que não pode ser ignorado é o fato de que para muitos jovens, essa imersão no mundo tecnológico para suprir as carências das vivências presenciais, era algo extremamente complexo.

A baixa condição econômica ou situações de extrema pobreza para muitos adolescentes da rede pública se intensificaram no contexto de pandemia, fazendo com que tais acessos a esses “novos” meios de interação e contato com a escola fossem

limitados ou até inexistentes. Em alguns casos, decorrentes de problemas de conexão com internet, por não disporem de equipamentos tecnológicos ou quando há tais recursos, mas são divididos entre mais de um membro da família, reduzindo assim o seu tempo de uso.

Teve um período de, no meio da pandemia que eu me colocava no risco de vim a escola pra pegar atividade porque eu não tinha celular, eu tinha celular, o meu celular queimou, aí eu meio que descobri que tinha essa maneira de vir pegar as atividades na escola. Aí eu vinha toda... Toda sexta-feira, é, eu pegava as atividades da semana eu fazia por... Tipo às vezes eu pesquisava, sobre o conteúdo pra poder fazer porque eu não tinha base porque eu não vi as aulas. Foi um momento que eu fiquei 3 meses assim eu acho que foi três meses que eu não aprendi nada porque... Você não consegue aprender por si só sem ter uma base, um professor, conteúdo certo para estudar, sem ter internet pra poder pesquisar (Daniel, estudante do ensino médio)

Os desdobramentos e as articulações realizadas para a superação das contrariedades do ensino remoto se fizeram muitas vezes presentes na educação no período de 2020 a 2021, muitos jovens presenciaram situações em que as adversidades os separavam do ensino, mas por vias múltiplas se reinventavam na procura por mecanismos que amenizassem as problemáticas encaradas, como no caso de Daniel, que mesmo sem um recurso tecnológico que o desse acesso ao ensino remoto procurou outros artifícios para acompanhar as aulas, se pondo, como ele próprio diz, em risco ao se deslocar até o espaço físico da escola para receber as atividades escolares, contudo, é ainda pontuado a complexidade de estudar sem a presença de um professor ou internet, servindo de base para suas aulas. Com dificuldades em manter-se conectados a outras partes do mundo e o acesso à educação institucional comprometido a “relação dos jovens [...] com a escola expressa uma nova forma de desigualdade social, que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social para grandes parcelas da população e novas formas de dominação.” (DAYRELL, 2007, p.1122). Em contraposição, faz-se imprescindível destacar que existiram jovens, que, em circunstâncias distintas não compartilharam de tantos contratempos, como no caso de Marcos:

Bem no começo da pandemia tava com certa apatia sobre como seria essas mudanças, porque eu tinha que ter certeza que eu tinha que saber me adaptar, porém eu tinha uma facilidade, eu tinha computador, tinha celular, tinha fácil acesso à internet, eu já era um aluno exemplar de certa forma e consegui acompanhar os conteúdos de forma... fácil para poder é, me adaptar ao estilo novo que seria Ead e nesse período não vou negar que é verdade que em certos momentos dava preguiça, tinha distrações para complicar de prestar atenção, mas mesmo com isso dava pra resolver, pra se achar e encontrar um momento pra você ver o quê que você tirou de proveito daquela... aquele conteúdo que tava sendo passado. (Marcos, estudante do ensino médio)

Vemos que em condições mais favoráveis ao ensino remoto, Marcos gozava de uma estrutura que facilitava a sua educação, denominando-se como um aluno exemplar,

não sofria com problemas ao acesso em si, mas sim com distrações cotidianas do ambiente familiar, outro grande fator que serviu de empecilho nesse período, assim, vemos a partir das narrativas descritas situações de disparidades nas possibilidades de ensino, uma em que um jovem, sem acesso a aparatos tecnológicos, enfrentou privações quanto ao acesso as aulas e explicações de conteúdos escolares, tendo que redobrar-se, se submetendo a circunstâncias de risco para suprir as necessidades de aprendizado, e outra em que um jovem era mais instruído tecnicamente quanto a recursos que facilitassem a sua aprendizagem, retratando assim a forte desigualdade social de acesso à educação entre as populações juvenis que marcou este momento, entretanto, é oportuno destacar que as situações de desigualdades acentuadas neste momento não se restringem exclusivamente a este período, sendo elas fortemente recorrentes dentro do espaço físico escolar, mesmo em um contexto não pandêmico. Assim como ilustrado por Silva (2021); Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021).

Que percebemos com bastante clareza, a partir dessa discussão no que se refere ao uso de tecnologias no período da pandemia, é o fato de que esta pandemia tem evidenciado a desigualdade que marca nossa sociedade, pois, enquanto alguns estudantes têm acesso à tecnologias de ponta, possuem acesso ilimitado à internet e recebem em casa o apoio dos pais/responsáveis, tantas outras ficam à margem deste processo, seja pela falta de equipamento tecnológico adequado em casa [...] (SILVA; SANTOS; DINIZ E BATISTA, 2021, p.9-10).

Nesse sentido, existem famílias que passaram por grandes transformações sociais e econômicas e até na exacerbação de condições de pobreza já enfrentadas em um período pré-pandêmico. A partir desse novo cenário, o desemprego, em decorrência do fechamento de muitos postos de trabalho, tornou-se crescente. Assim, houve uma necessidade em “dar-se um jeito” ou “fazer bicos”³ para reverter o mínimo que fosse essas situações críticas economicamente. De acordo com Pais (2001) “é como se os jovens nos quisessem dizer que a vida necessita de algum tipo de trabalho para ser plenamente vivida.” (PAIS, 2001, p.7).

Eu trabalhei com riscos, fazendo festinhas, porém eu saí logo porque eu pensei, nossa, tô botando a minha família em perigo, eu só trabalhava e estudava, o que eu sempre fazia, aí eu, não, tá muito cansativo, eu só tenho 16 anos, 17 e que eu não vou fazer isso com a minha vida agora não. (Daniel, estudante do ensino médio)

Desse modo, a prática do trabalho, embora indispensável em muitas realidades delicadas, se tornou incompatível com o seguimento da vida de Daniel naquele momento,

³A expressão fazer bicos, aqui empregada, refere-se a prática de trabalho informal que objetiva a obtenção de lucro extra para suprir necessidades econômicas. Pais (2001) destaca que tal prática se relaciona com situações e vivências precárias de emprego, fazendo assim ser necessário conseguir qualquer tipo de renda que estabilize ou possibilite o mantimento de despesas básicas.

o condicionando, como ele próprio descreve, a uma rotina cansativa, fazendo-o decidir dedicar-se exclusivamente a seus estudos. Em hipótese, mesmo auxiliando com uma renda extra para as despesas familiares o peso da atividade remunerada fazendo festas somou-se as inseguranças e ao receio de colocar a sua família em perigo em decorrência do contato físico com outros indivíduos que não fossem da mesma residência que a sua.

Faz-se importante destacar que para algumas famílias brasileiras para garantir condições básicas de subsistência, como pontua Silva (2021; Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021) “Na escolha, entra a vida ou a economia, uma parcela da sociedade, sobretudo das classes [...] mais pobres, compra o discurso de que é melhor continuar trabalhando [...]”(SILVA; SANTOS; DINIZ E BATISTA, 2021, p.12) assim, pensemos na preocupação de se morrer de fome ou se morrer por um vírus, o que não impossibilitou de se arriscarem com o trabalho, pois para muitos indivíduos ficar recluso em casa não era uma opção. Dias e Pinto (2020) também discursam sobre tal ponto ao abordar sobre como os diversos problemas, mesmo em suas especificidades, relacionados a escola, economia e alimentação afetam as condições emocionais juvenis, para eles:

Não podemos esquecer que saúde física e saúde mental andam juntas. A duração prolongada do confinamento, a falta de contato pessoal com os colegas de classe, o medo de ser infectado, a falta de espaço em casa – torna o estudante menos ativo fisicamente do que se estivesse na escola –, e a falta de merenda para os alunos menos privilegiados são fatores de estresse que atingem a saúde mental de boa parte dos estudantes da Educação Básica e das suas famílias. (DIAS; PINTO, 2020, p.546)

Em pesquisa realizada pelo Conjuve (2021) de um número de 27.788 jovens brasileiros que trabalham, 10% são jovens entre 15 e 17 anos, que ingressaram no mercado de trabalho durante a pandemia. De maneira geral os “Jovens que estão trabalhando, em sua maioria são estudantes e se dividem principalmente entre aqueles que são dependentes financeiramente e aqueles de quem o domicílio depende de seu salário.” (CONJUVE, 2021, p.40). Tal condição abre espaço para uma interpretação de interdependência existente entre os jovens e seus familiares, o que condicionava em grande parte no seguimento dos seus estudos escolares, afetando a sua permanência na escola e nas objeções ao acompanharem o modelo de ensino EAD, pontos estes a serem mais abordados na sessão a seguir.

4.1 DESAFIOS E CONTINUIDADES NO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM... *UMA CORRIDA PELA EDUCAÇÃO*

Para além dos aspectos econômicos nesse período, citados anteriormente, com a incorporação do estudo a distância o que deveria aproximar os jovens estudantes do ensino muitas vezes agia como um oponente na eficácia da educação para o processo de ensino-aprendizagem, impossibilitando a sustentação das redes educativas no imaginário juvenil. As distrações cotidianas, provocadas na maioria dos casos pela falta de estruturação de casa, em espaços inadequados para o ensino serviam como um agente gerador da dispersão dos alunos e de seu foco.

E em questão da Ead foi difícil pra mim exatamente por causa do foco e também porque eu sou uma pessoa muito, digamos assim... Eu me distraio com muita facilidade eu tô aqui estudando, tranquila ,e aí do nada, absolutamente do nada eu penso em coisa que eu tinha assistido ou feito antes eu tinha que fazer tarará, a ansiedade atacando e também problema, eu tenho muito problema em prestar atenção até aqui na escola, imagina em casa?! Imagina em casa, eu já tô fazendo isso agora, tá ligado? Eu tava tentando conversar sobre um assunto que eu já, já perdi o foco. (Alexia, estudante do ensino médio)

O despreparo, ocorrido de forma não proposital, contribuiu para um cenário em que os adolescentes estudantes da rede pública, em especial da escola José Tristão Filho, Guaiúba- CE tivessem que lidar com inimagináveis questões tratando-se do modelo EAD. Como expressado no depoimento de Alexia, ficar concentrado nas aulas virtuais se tornou uma ação difícil, um conjunto de pensamentos aleatórios de seu cotidiano a desconcentrava e dificultava na absorção dos conteúdos ensinados, juntando-se as suas questões de ansiedade o foco na aprendizagem muitas vezes se esvaecia em decorrência da complexidade da autonomia estudantil em se responsabilizar por seus momentos de estudo, pois manter a concentração em um espaço repleto de distrações os afastavam das aulas. Sobre este fato a pesquisa produzida pelo Conjuve (2022) situa que “Em função do período remoto, 52% sentem que desenvolveram ou intensificaram a dificuldade de manter o foco, 43% de se organizar para os estudos e 32% para falar em público.” (CONJUVE, 2022, P.87).

Matemática e física, essas matérias que tem cálculo, foi uma das coisas mais difíceis de você se adaptar, porque quando você tem uma dúvida você fala a professora tira sua dúvida instantaneamente na sala, agora na pandemia não, você mandava uma mensagem e dois dias depois você recebia ali a resposta e pô, aí já tinha feito pela internet. (Daniel, estudante do ensino médio)

Tal condição afetava e comprometia a compreensão e assimilação dos conteúdos escolares de seu primeiro e segundo ano do ensino médio pertencentes aos anos de 2020 e 2021, as dificuldades de comunicação com os professores também fortaleciam as problemáticas e o distanciamento da docência, levando os alunos a procurarem outras fontes de instrução. A cada novo dia existia a possibilidade de surgirem novos desafios,

tanto para os alunos como para o corpo docente e demais gestores da escola que também partilhavam de limitações. “Alguns professores não explicavam bem, havia barulho e a internet falhava” (Daniel, estudante do ensino médio), representando que os desafios assolavam a quem também estava do outro lado da tela, principalmente na operação das ferramentas digitais de ensino que soavam como novidade para os que eram inexperientes com a tecnologia. Como pontuado por Silva (2021); Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021):

Muitos no Brasil não têm acesso a computadores, celulares ou à internet de qualidade, realidade constatada pelas secretarias de Educação de Estados e municípios no atual momento, e um número considerável alto de professores precisou aprender a utilizar as plataformas digitais, inserir atividades online, avaliar os estudantes a distância e produzir e inserir nas plataformas material que ajude o aluno a entender os conteúdos, além das usuais aulas gravadas e online (SILVA; SANTOS; DINIZ E BATISTA, 2021, p.3).

Entre esses fatores, a insuficiência quanto ao acesso a internet corroborou para este cenário complexo da educação remota, sendo um dos principais pontos que serviu de empecilho para os adolescentes manterem-se conectados as aulas, sobre esta importante problemática Pereira e Barros (2020) nos atentam que:

Há alunos nas escolas públicas e mesmo nas universidades que não têm acesso a internet banda larga, de tal modo que, muitas vezes, parece inviabilizada a própria mobilização dos recursos da internet para dar sequência ao ensino. [...]Se não olharmos para eles, corremos o risco de favorecer uma segregação social que é, sob todos os aspectos, inadmissível. (PEREIRA; BARROS, 2020, p.2)

Desse modo, é imprescindível que pensemos no quanto a inacessibilidade a internet ou quaisquer outros aparatos tecnológicos foi uma realidade vivida por tantos jovens estudantes brasileiros, tal fato colaborava para o que podemos chamar de colapso na educação, algumas desistências ou afastamentos nesse período pesava sobre esta condição, prejudicando parcial ou total o ensino.

La onde eu moro a internet é meio ruim, porque fica muito distante daqui, aí as vezes faltava internet no meio da aula, aí eu tinha que ir pra casa da minha tia correndo e fica tipo, 200m lá de casa, tinha que correr, pra poder chegar lá. Uma corrida pela educação. (Geovana, estudante do ensino médio).

A partir do relato de Geovana vemos a agitação no decorrer dos encontros virtuais causada pela instabilidade de recursos tecnológicos, descrito por ela como uma corrida pela educação havia de fato um esforço maior para a superação destes obstáculos cotidianamente, assim como ela, tantos outros adolescentes lidavam com questões similares, ficando inclusive, por um longo período sem poder acompanhar as matérias escolares e demais atividades, permanecendo inativos em maior parte do processo

educacional. No caso de Geovana, que recorria a casa de sua tia, situada cerca de 200m de sua residência, ela se deslocava até lá para continuar participando de suas aulas, um esforço a mais que não era permitido a todos igualmente, sobretudo para aqueles jovens que possuíam residência mais afastada das demais, ou reclusas em zonas rurais.

O que pode ser citado aqui é a questão do material, da falta de preparo, é porque a gente não tava preparado, não tinha uma estrutura preparada para receber aquilo, tinham muitas pessoas, por exemplo, eu vi muitos alunos que usavam o celular dos pais, dos irmãos, das tias dos avós e quem mais lá, então faltam, faltava essa estrutura, como tava todo mundo em casa então a internet era sobrecarregada, por exemplo, se geralmente na semana mil pessoas usavam a internet simultaneamente esse número explodiu então ficava essa dificuldade da internet, do material. Erro da própria plataforma, o ambiente barulhento, aquela questão tipo assim, tu tá na escola, poxa tu vai fazer o quê na escola? Não, eu vim pra estudar então, aqui tu sabe que tem que estudar, em casa tu tá fazendo o quê? Tá em casa, a aula que tá acontecendo ali é algo atípico a parte a tua rotina diária. (William, estudante do ensino médio).

A falta de planejamento para o enfrentamento de uma crítica situação como esta, apontado na fala de William, contribuiu para que os impactos fossem ainda maiores para aqueles discentes das classes desfavorecidas, a estruturação, ou melhor dizendo, a desestruturação para muitas famílias e escolas que por vezes impossibilitava o acolhimento e transformação do espaço residencial em um espaço estudantil institucionalizado evidenciava a exacerbação das condições de desigualdade e da falta de investimentos para a criação de políticas públicas em prol da educação no Brasil. “Por isso, é necessário que os países reconheçam o problema [...] e criem políticas públicas voltadas especificamente para a Educação.” (SILVA; SANTOS; DINIZ E BATISTA, 2021, p.19).

Sobre os aparatos tecnológicos e a estruturação tanto dos espaços utilizados pelos estudantes como do corpo docente de um modo geral, pode-se dizer que este foi um período árduo para a educação como um todo, as superações necessárias refletiam na importância da educação e na indispensabilidade que ela tem para a vida humana, em especial para a juventude, desse modo, abrir mão não era uma opção, mesmo que para muitos jovens estudantes persistir nesse caminho não tenha sido um desejo concretizado, rompendo por total o contato com a instituição. Portanto, assim como defendido por Pereira e Barros (2020), para uma eficácia no processo de ensino-aprendizagem há uma dependência de pontos que favoreçam esse sistema remoto, sendo a capacitação e formação dos professores para melhorar as habilidades no uso de recursos didáticos e tecnológicos, acesso a tecnologia e internet para os estudantes, principalmente aos menos

favorecidos e excluídos do processo educativo, e ainda na motivação para estes estudantes tanto pelo corpo docente quanto pelos membros que compõem seus grupos familiares.

Vemos então que a educação deveria partir de uma condição beneficiada a tantos e a todos, o que na prática não ocorre em sua completude. Apesar de ser considerada como uma das prioridades estatais ela não contemplava o suficiente para controlar e equilibrar a situação de desigualdade existente, o frágil acesso não somente ao ensino, mas as modernas tecnologias, a boas condições de saúde e segurança condicionou para a crítica situação de disparidade e exclusão que temos hoje, conforme Dias e Pinto (2020) “Quando as escolas reabrirem, [...] a emergente recessão econômica, certamente, aumentará as desigualdades e poderá reverter o progresso obtido por alguns países na expansão do acesso educacional e na melhoria da aprendizagem.” (DIAS; PINTO, 2020, p.545).

Portanto, somos aguçados a refletir sobre o possível desestímulo ou anseio sentido pelos jovens alunos da rede pública, José Tristão Filho, quanto ao retorno para escola, o brilho e expectativas presentes em suas mentes e corpos no início do ano de 2020, momento anterior a pandemia, de fato não é mais o mesmo, tal circunstância pode refletir de algum modo sobre os seus sentimentos em relação as suas perspectivas de futuros, os colocando diante de um estado em que tudo o que fora sonhado anteriormente possa ter adormecido, o que não significa dizer que suas vontades e desejos estejam mortos, assim, é cabível construir junto a seus pensamentos e experiências uma narrativa que verse sobre futuro e seus planos de vida para o momento enfrentado em um mundo pós pandêmico.

5 DIÁLOGOS E PERSPECTIVAS DE FUTURO... *EU GOSTO DE PENSAR EM MIM COMO ALGUÉM QUE VAI DAR UM BOM EXEMPLO E QUE VÁ PODER AJUDAR AS PESSOAS.*

A priori, pensar no futuro não nos parece uma iniciativa tão elementar à medida em que envolve as nossas perspectivas de uma vida desconhecida em relação ao nosso presente e, que reflete sobre o lugar ocupado por nós no mundo juntamente as condições das quais vivemos. Em um primeiro instante a ideia de futuro, por si só, pode parecer uma concepção ampla em nossos universos fictícios. Há de nos depararmos como destaca Pais (2001) com “horizontes de futuro” de uma vida cheia de possibilidades, mas também de incertezas, do que se pode ou não, se busca ou não alcançar, pautados muitas vezes no contexto social em que estamos inseridos. Tais horizontes nos fazem percorrer (em

idealizações) os mais diversos caminhos, sem nos mexermos fisicamente, de maneiras singulares e diversificadas, nas veredas do imprevisível, em meio a dualidade entre o escuro e o iluminado, indo além do que esperamos, sobre uma dose ilusória que nos provoca a buscar aquilo que acreditamos merecer.

Para muitos jovens, a ação de pensar no que se espera do amanhã é uma realidade um pouco distante do habitual, existem sonhos que os são tirados e não permitidos de se fazerem presentes em seus imaginários, persiste ainda sobre eles a visão de uma certa insignificância, tida em seus momentos mais íntimos de se permitirem a vislumbrar em pensamentos sobre o que fazer após a formatura do ensino médio ou se ao menos esperam concluir o que se chamava de segundo grau, se pretendem cursar alguma faculdade ou com o que se pretende trabalhar, entre outras perspectivas e projeções para o futuro. Para muitos, escolher não é uma opção, pois a vida conduz-se sobre as necessidades do agora, e as horizontalidades antes consideradas passam a estreitar-se sobre poucos caminhos, “realistas” e menos “ilusórios”.

Eu vejo muitos alunos desfocados e sem perspectiva alguma, tipo não ver nada que futuramente possa melhorar pra eles, tipo eles tão lá na sala eles só vão, só vem pra escola porque eles querem terminar ensino médio por que é obrigatório, entre aspas, pra poder ingressar no mercado de trabalho, eu vejo muito disso em muitos alunos daqui da escola, você consegue enxergar que ele é uma pessoa, que pode até ser uma pessoa que tem potencial, que tem uma perspectiva grande, mas só que ela não se permite buscar, ir além, de querer mais, fica só no seu mundinho. (Daniel, estudante do ensino médio)

Com isso refletimos sobre o comprometimento da esperança na vida de muitos adolescentes em decorrência das consequências – físicas e emocionais – devastadoras da pandemia e do processo de desigualdade socioeconômica que intensificaram a sua educação. Como descrito na fala de Daniel, ilustrando a realidade da instituição de ensino José Tristão Filho, Guaiúba-CE, a escola hoje é, em alguns casos, composta por jovens cujo as suas potencialidades foram esquecidas e adormeceram no seguimento da doença da Covid-19. Com isso alguns estudantes se debruçam na comodidade do estudo apenas para a entrada no mundo do trabalho, sem a consideração de exploração das possibilidades de futuro.

Perdemos nosso potencial, perdemos muito tempo, perdemos muitas oportunidades pra aprender, experiências, perdemos muitas coisas e eu tiro pra mim que se a gente tivesse oportunidade de refazer o ensino médio da maneira como a gente quer, da maneira como a gente gostaria de ter feito, com certeza estaria bem mais fácil pra nós hoje, tanto pra pensar como a gente pode ter nosso futuro de maneira mais garantida, a gente teria um pouquinho mais de tempo, teria mais chances, teria mais oportunidade de estudar, mais tempo ainda para poder se achar e isso foi meio que tirado da gente. A gente perdeu isso e infelizmente não vai dar pra voltar atrás e pra correr atrás disso vai

demorar um pouco, talvez alguns nem consiga. (Marcos, estudante do ensino médio).

Entre narrativas e lamentos, vemos a drástica consequência emocional-educacional que o período de pandemia causou em alguns jovens. Ao refletir sobre o depoimento de Marcos nos deparamos com a injustiça vivenciada por tantos sujeitos que gostariam de voltar no tempo para transformar a realidade que experimentam hoje em suas vidas e restaurar um cenário repleto de infortúnios, de perdas de tempo, de oportunidades, experiências e aprendizados, correr atrás de tudo e de tanto pode custar um tempo que já não os é mais dado, talvez pelo período que passou e a vida futura que se aproxima celeremente, todavia, ainda persistem conduzindo-se em direção a um futuro não esquecido.

Com relação a isto, quando discorremos os sonhos juvenis ou projeções e perspectivas de futuro muitas vezes nos deparamos com interrogações internas (enfrentadas pelos jovens) sobre os percursos a serem seguidos e quais meios os levam a concretização de seus desejos, há para além, a existência de bloqueios frente aos desafios e as desigualdades sociais que suprimem as suas vidas, podendo os levar a desistências de propósitos e viver a vida sem rumo, como ilustrado no documentário *Nunca me sonharam* (2017), “a partir do momento que o sonho foi tirado de mim, eu desisti dele também” este fragmento, retirado da narrativa de um dos interlocutores do documentário nos permite perceber a interferência que as experiências sociais, por vezes externas ao sujeito contribuem no resultado de suas decisões, de certo modo, ocorrem alguns encurtamentos de sonhos junto a incertezas de escolhas nos mais diversos campos da vida, há um medo de correr riscos.

Há, entretanto, aqueles sujeitos que não precisam saltar por tantos obstáculos e diante das facilidades, mas também dos desafios da vida juvenil nesse período de Covid-19, persistem e não se rendem ao abandono de suas perspectivas de futuro e das nuances de seus sonhos. “Uma pessoa que não tem expectativa, não tem nenhum tipo de ambição, nenhum tipo de desejo, não é uma pessoa que cresce, é uma pessoa que é acostumada aquilo que vai, que vai ser dado a ela, mesmo se for algo ruim ela vai ter que ficar com aquilo, suportar.” (Marcos, estudante do ensino médio) a colocação de Marcos nos provoca a visualizar que embora muitas vezes cansados, mas também enérgicos e com anseios por mudanças e melhorias estes jovens estudantes seguem seus caminhos buscando traçar suas trajetórias para obterem alguma espécie de sucesso, seja na construção de uma base familiar, um emprego estável ou uma vida acadêmica de

prestígio, novamente, como colocado no documentário *Nunca me sonharam* (2017) nos encontramos diante de juventudes que buscam, pois almejam um poder de transformação de suas vidas e do mundo ao seu redor. Tais transformações referem-se inclusive ao próprio distanciamento ou na ruptura de valores e práticas, afetivas e de certo modo culturais, incorporadas durante a sua formação quando crianças a partir das experiências com os grupos primários⁴, em suas condutas introduzidas sobre suas mentes e corpos, baseando-se nos escritos de Alves (2017), acontece por muitos jovens a realização de um “projeto” para o futuro, que podem ser transitórios ou processos permanentes, validando as suas existências enquanto jovens capacitados de construir seus próprios itinerários, permitidos além de tudo, mudarem de projetos, quando necessário. Acrescenta-se que:

Os indivíduos, em princípio, podem ser portadores de projetos distintos e até mesmo contraditórios, sendo sua pertinência e relevância definidos contextualmente. Tomando-se projetos juvenis, tal constatação pode acontecer de forma mais dramática na medida em que os projetos individuais podem envolver uma ruptura de valores apreendidos por meio de referentes de socialização como a família. (VELHO, 1994, apud. ALVES, 2017, p.88).

Desse modo, apesar do comprometimento que a pandemia da Covid-19 teve na vida destes jovens estudantes da escola pública, essa delicada situação não condicionou seus futuros. É permitido afirmar que seus anseios e perspectivas de uma vida que se estenda ao presente, principalmente no que diz respeito ao período após a conclusão do ensino médio, por mais que afetados pelas consequências da pandemia não cessaram e suas projeções continuam firmes.

É difícil falar sobre perspectiva porque a gente quer pensar muito, quer pensar bem alto, eu gosto de pensar em mim como alguém que vai dar um bom exemplo e que vá poder ajudar as pessoas com isso, eu quero poder passar no concurso técnico, conseguir me formar, aí começar a trabalhar, começar a fazer umas coisas pra mim. (Marcos, estudante do ensino médio).

Permitir-se sonhar é abrir margem para caminhos de possibilidades junto a chama que torna emocionante a chegada ao objetivo, não se pretende romantizar o sofrimento e a condição de se manter firme a qualquer custo sob todos os desafios de uma vida contingente, mas a posição de perseverança junto a busca por uma reestruturação em suas vidas é significativo para estes jovens interlocutores. Assim, como colocado na fala de Marcos, o anseio para a concretização dos planos futuros ainda existe no imaginário

⁴ Os grupos primários, nas relações em sociedade e de grupos socializadores, como coloca Santos (2020) referem-se aqueles espaços em que as relações sociais e educativas são construídas de maneira pessoal e íntima, sob um aspecto mais afetivo e duradouro, esses grupos voltam-se a famílias, vizinhos e amigos, presentes na vida de um indivíduo, desde os seus primeiros anos de vida.

juvenil destes sujeitos, pensar em alguém capaz de ajudar as pessoas é pensar em si enquanto um agente transformador, na medida em que utiliza de seus conhecimentos não apenas para transformar a sua realidade, mas sim voltados a partilha e mudança na vida de tantos outros em sociedade.

Como pontua Silva (2021); Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021) a condução de vida jovial, no que diz respeito aos anseios e projetos de futuro de uma vida adulta, é influenciada pela prática de incentivo, por meio de vias públicas e socioeducativas, que possibilitem o desejo em obter algo. Na estrutura social, essa mediação deveria ocorrer através de políticas públicas e sociais geradoras de caminhos aos quais os jovens pudessem trilhar suas vidas, assim, “No contexto de nossa sociedade, as políticas sociais voltadas para a juventude refletem as perspectivas do mundo adulto, que detém a responsabilidade pelo desenvolvimento e pela socialização dos seus jovens ((SILVA; SANTOS; DINIZ E BATISTA, 2021, p.19) desse modo, cabe também ao Estado contribuir para a permanência daquilo que os movem no presente.

Eu tenho um plano bem definido, eu creio que nesse período que eu passei eu tenho definido muitos planos, pretendo me formar, pretendo trabalhar na minha área de formação que a gestão de pessoas, e eu estou constituindo mas pretendo firmar minha família, ter minha própria casa pra ficar com a minha esposa. (William, estudante do ensino médio).

No caso de William, vemos as projeções não apenas voltadas a formação escolar e ao mundo do trabalho, mas também na construção afetiva e pessoal de sua vida sustentada pelo desejo de formar uma família, questão abordada por Pais (2016) quando destaca que entre muitos jovens há ainda a presença nas suas perspectivas de futuro o desejo da constituição de uma família como uma das formas (não exclusiva) de validação que marca a entrada para o mundo adulto. Tal pretensão também se assemelha a de Geovana. “Eu quero fazer faculdade, se não der certo eu vou lá trabalhar, pra não ficar em casa parada, quero ter minha casa, quero ter minha moto, porque eu gosto muito de motos e eu quero me casar também.” (Geovana, estudante do ensino médio).

A razão da estruturação e construção familiar, para além das questões gerais e por vezes (in)comum da juventude, retrata questões pessoais de um passado delicado vivido pelo sujeito e na vontade de poder vivenciar e proporcionar a outros o que não teve em sua vida, como aborda o jovem entrevistado Daniel.

Eu pretendo entrar numa faculdade esse ano ou no próximo, conseguir arrumar um emprego e meio que essas coisas se combinarem, faculdade e emprego pra poder dar certinho, quero sair da casa da minha mãe, quero ter a minha liberdade, eu quero mais pensar além, ir além do que eu pensava que eu ia, eu

quero ir além de tudo, quero me formar, quero ter essas paradas, pra que no futuro eu seja uma pessoa bem, que eu posso dar aos meus filhos, que provavelmente eu queira ter filhos, é, o que eu não tive na infância, que é meio que um pai, essas paradas e eu espero que não tenha pandemia. (Daniel, estudante do ensino médio).

O interlocutor expressa em sua fala, além do objetivo acadêmico de conseguir cursar uma faculdade e profissional, o desejo em poder atuar na figura de um pai, suprimindo talvez o que lhe tenha faltado na infância, funcionando como uma forma de expectativa pessoal e emocional que o acompanha na formação de seu itinerário. Há também a vontade de conquistar a casa própria, para sair da casa de sua mãe e conseguir, como ele mesmo coloca, a sua liberdade, junto a esperança de não enfrentar futuramente outra situação de pandemia.

Há ainda sonhos acompanhados de realizações que se fundiram no processo vivido até aqui por estes jovens. Veremos que a concretização de alguns de seus objetivos não anula a possibilidade de permitir-se a desejar novamente, como no caso de Dalva:

As minhas metas eu sempre coloquei no caderno e a minha casa era a última, como eu consegui, ela e o mercadinho, quero fazer uma faculdade de farmácia que eu me identifiquei muito, aí tirar minha carteira e viajar pelo mundo como meu pai que era caminhoneiro ou então ser caminhoneira também. (Dalva, estudante do ensino médio).

A fala ilustra que embora tenha conseguido um de seus objetivos de futuro, a jovem segue trilhando no caminho dos sonhos em busca de concretizações, agora com sua casa própria conquistada, objetivo esse almejado por grande parte dos jovens, Dalva segue em busca de sua formação acadêmica no curso de Farmácia junto ao sonho de viajar pelo mundo, em parte, inspirada em seu pai que foi caminhoneiro, nos permitindo refletir que a capacidade de sonhar – e executar tais planos – podem nos acompanhar durante todo o processo de vida. Quando um desejo se cumpre, outro nasce, não como se houvesse um vazio a ser preenchido em um ciclo inacabado, mas como um mecanismo de reascender a chama da vida através de um propósito.

O que é interessante evidenciar além do mais, é que as idealizações e perspectivas de futuro movem o presente, falar de futuro significa também pensar no lugar que os jovens ocupam e se encontram no agora, e na importância das suas construções no espaço vigente, refletir sobre isto, como colocado por Silva (2021); Santos (2021); Diniz (2021) e Batista (2021) auxilia para partirmos em busca da desmistificação da juventude apenas como uma fase de transição, que marca apenas isso, um ritual de passagem de uma fase a outra, devemos então considerar todo o processo a que se dão tais vivências juvenis

neste espaço de tempo entre a fase da criança e a vida adulta. Assim nos deparamos com uma diversidade de perspectivas e possibilidades acesas no imaginário juvenil de tantos sujeitos, em especial aos jovens interlocutores da escola José Tristão Filho, indo desde o desejo em poder ajudar as pessoas, cursar uma faculdade de farmácia e conseguir um emprego, até a busca de construir uma família e de poder exercer o papel de um pai, os sonhos são diversos e por vezes infinitos, eles se assemelham ao tempo em que se diferem em alguns pontos entre si. Portanto é indispensável legitimar as experiências de vida adquiridas pelos jovens e validar a suas existências enquanto sujeitos sociais contribuintes para a nossa sociedade e ainda reconhecer as suas potencialidades e especificidades, onde cada sujeito vive e aprende valores diferentes conforme suas condições sociais, culturais, econômicas, do contexto e realidades a que estão inseridos. É necessário reconhecer que partem de locais diversos e traçam trajetórias distintas.

6 VIVÊNCIAS NA ESCOLA... *A GENTE FOI SE ADAPTANDO A NOVA ROTINA*

Caminhando pela escola José Tristão Filho, localizada na cidade de Guaiúba- CE, de forma despreziosa e as vezes desatenta a alguns acontecimentos a minha volta, encontro-me diante da busca por imergir novamente em um espaço semelhante ao que a poucos anos deixei, a partir de um “ritual de transição”⁵ com a conclusão do meu ensino médio, no ano de 2016. Atribuo a mim a posição de professor-pesquisador, na medida em que exerço um papel socio-educacional docente na vida dos jovens que compõem esta escola, ao mesmo tempo em que me distancio dessa figura e me coloco como um agente que busca explorar e conhecer mais a fundo as experiências de vida dos sujeitos que ali transitam. Nessa vontade incessante de me familiarizar e ser acolhido nesse espaço, distancio-me da posição natural de desatenção e passo a observar os estudantes que ali se fazem presentes, não apenas como corpos mecanizados, preenchendo números quantitativos e incorporados em um ambiente institucionalizado, mas como jovens que

⁵ A ideia de ritual de transição é referente a um processo de mudança ou rito de passagem que nos leva de um estágio a outro, ou seja, de uma conjuntura social a outra, em determinadas situações na vida de um indivíduo. Alves (2017), apoiada nas ideias de Genep (2011) acentua que “a vida individual do ser humano consiste numa sucessão de etapas como nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte”. (GENNEP, 2011, apud. ALVES, 2017, p. 50). Nesse sentido, compreendemos que esses percursos, de mudanças e transições marcam as trajetórias de vida na medida em que, mesmo de maneira simbólica, direcionam os sujeitos para novos papéis sociais a serem assumidos.

naquele espaço traçam suas histórias, experiências, perspectivas de vida, angústias e anseios, dentre outros sentimentos que acompanham o processo juvenil vivido por eles. Estar diante, às vezes de forma invisibilizada (ou pouco perceptível para os alunos), das idas e vindas desses jovens estudantes, observando suas ações, olhares e interação uns com os outros me desperta a sensação de estar vivendo tudo aquilo que os meus três anos de ensino médio me proporcionaram, logo, volto minha atenção para a análise da construção interativa (percebíveis em um primeiro momento) que estes jovens alunos vivenciam.

Desse modo, encontro-me a observá-los novamente, os olhares, a forma como se comportam e a necessidade, que seus gestos exalam, de precisarem estar na companhia uns dos outros, divididos em grandes grupos ou subgrupos, estes mais reduzidos (construídos e mantidos geralmente de gostos e ideias em comum, unidos por aspectos culturais e de identidade) ou até mesmo sozinhos, na companhia de seus livros ou de um aparelho celular, rindo e conversando a todo instante, quando não, encontram-se em situações de divergências. Percebo a partir disso, a precisão de manter-se vivo os diálogos e as rodas de conversas, alimentadas por uma diversidade de assuntos, tanto do próprio universo escolar, quanto das experiências vindas de fora da escola, acionando a cada novo instante, nos intervalos entre as aulas e até mesmo em momentos pontuais dentro da sala de aula, uma rede comunicativa e interativa que não cessa.

A gente ficou surpreso, ficou, mas a gente achou muito bom por conta que a gente ia poder conversar com os amigos novamente, porém a dificuldade foi o foco também, dificuldade de foco, de focar novamente, mas com o passar dos dias, das semanas a gente já tava completamente igual que a gente era antes, quase igual, talvez melhor por conta da maturidade. (Daniel, estudante do ensino médio).

A partir dessas percepções colocadas pelo estudante, apuradas em momentos específicos de reflexões da vida escolar, vemos a reconfiguração nas relações estabelecidas entre os jovens na escola, tanto em questões referentes ao processo de ensino aprendizagem, onde ele atribui dificuldades iniciais na atenção e foco nos estudos, como nas relações de amizade e comportamentos sociais marcadas pela maturidade adquirida no período de isolamento. Para além, podemos considerar que o fato de ter havido a interrupção dessas vivências, com a situação de isolamento social em decorrência do vírus da Covid-19, fez com que tais interações ganhassem um maior significado para muitos desses jovens estudantes, principalmente dentro da escola, por consistir, além de seu aspecto institucional, em um espaço de socialização em que passam boa parte de seus dias, estabelecendo relações construtivas, mas também conflituosas. É

como se estivessem, antes desse retorno as atividades presenciais, confinados, de certa forma estavam. Quanto a essas experiências, Dayrell (2007) nos diz que:

O cotidiano escolar torna-se um espaço complexo de interações, com demarcação de identidades e estilos, visíveis na formação dos mais diferentes grupos, que nem sempre coincidem com aqueles que os jovens formam fora dela. A escola aparece como um espaço aberto a uma vida não-escolar, numa comunidade juvenil de reconhecimento interpessoal. (DAYRELL, 2007, p.1120).

Entendamos então que a construção social do jovem como uma das consequências desse espaço educativo é algo que possui certo peso e relevância na vida do indivíduo, uma vez que reflete no seu processo formativo de caráter pessoal, intelectual e educativo, portanto, privá-lo desses momentos primordiais a sua formação pode afetar negativamente alguns aspectos de sua vida. Quando inseridos na escola, ou em quaisquer outros ambientes de interação social, os jovens são possibilitados de constituir novos grupos de interação além das suas relações habituais de fora destes espaços. Assim é permitido a eles a construção de suas próprias identidades subjetivas e coletivas, mesmo que influenciadas e semelhantes à de outros indivíduos e fatores daquele meio.

Para esse retorno eu fiquei tipo, será que vai todo mundo se dar bem outra vez? será que a galera vai querer conhecer e conversar e tal, e quando eu retornei eu percebi que não foi nada difícil como tava todo mundo com saudade disso, então tava todo mundo vivendo intensamente aquele momento, até a galera que era meio introvertida tava querendo conversar com todo mundo, porque todo mundo queria era aquela volta. (William, estudante do ensino médio).

Desse modo, vemos o quanto a interações pessoais e físicas são um importante mecanismo para a sociabilidade e construção destes sujeitos, o espaço escolar, que media as trocas de experiências possibilita a existência de uma ruptura no processo emocional marcado pela saudade alimentada durante o período em que estiveram afastados uns dos outros, como descrito por William, a condição de poderem estar dividindo novamente o mesmo espaço e partilhando as suas experiências marcou grandiosamente este retorno, como acrescenta um dos interlocutores deste trabalho, de maneira significativa, “a gente foi se adaptando a nova rotina”. (Marcos, estudante do ensino médio).

Nesse sentido, podemos os encontrar diante da permissão de experimentação, momento em que muitos desses jovens se permitem a experimentar novos sentimentos, a conhecerem novos valores, estilos e amizades, para se moldarem a uma forma de caráter ou sujeito que acreditam ser o ideal para eles, como aborda Pais (2001) “percebem, a si mesmos, como sujeitos posicionados numa encruzilhada de oportunidades e de destinos.” (PAIS, 2001, p.12). Contudo, essa experimentação, sobretudo após o período pandêmico,

não deve ser considerada como uma obrigação a toda a população juvenil, pois os jovens da escola pública possuem diferentes condições sociais e econômicas, que os condicionam a experiências díspares e a “desoportunidades”. Alves (2017), nos diz que

A juventude como fase é vivida de forma distinta. Os contextos sociais vão determinar, em grande medida, os modos de se vivê-la. Jovens como os pesquisados neste trabalho, trazem consigo o estatuto de estudante, filhos de pais trabalhadores, o que não é regra para todos os alunos dos meios populares. (ALVES, 2017, p.48).

Dessa maneira, tais circunstâncias, que os diferem uns dos outros, em alguns casos não os permitem experimentar viver a juventude sob um padrão ideal imposto a eles. Essas diferenças, aliadas a interrupção de vivências coletivas, marcada pelo isolamento social, tem atingindo aos jovens, uma vez que houve um impedimento quanto a exploração de suas vidas mundo a fora. Portanto, esquadrihar novos espaços e somar novas percepções e sentimentos junto a outros indivíduos já não parecia mais uma realidade alcançável, por um espaço de tempo desconhecido, uma vez que o próprio contato físico com sujeitos alheios ao seu grupo de convivência, poderia gerar uma situação de risco para suas vidas.

No entanto, apesar de creditar a forte colaboração que a escola deposita na vida dos jovens estudantes, faz-se indispensável salientar que a legitimação das experiências juvenis vivenciadas em espaços de sociabilidade, enquanto experiências formadoras e contribuintes para o caráter de um indivíduo não devem ser restringidas aos espaços institucionalizados. Devemos reconhecer e considerar que a sociedade, em grande parte, partilha de diversos segmentos sociais e interativos aos quais possibilitam ao sujeito a incorporação de novas percepções culturais, educativas e morais que não sejam necessariamente guiadas pelos fundamentos escolares. Dayrell (2007) nos aguça a refletir sobre tal ponto quando defende a necessidade em validar a cidade, bem como seus espaços de convivência, na qualidade de ensino e construção coletiva e individual, pautadas nas trocas de saberes, nas narrativas juvenis em conjunto ao mundo que os cercam, colaborando de tal modo para a “ampliação das potencialidades humanas dos jovens”. (DAYRELL, 2007, p.1125).

Devamos considerar então, que a restituição destes jovens estudantes da rede pública aos espaços institucionais, referindo-se inclusive a escola José Tristão Filho, em Guaiúba-CE, desocupados por eles em torno de quase dois anos, os levaram a um sistema de readaptação a uma nova realidade a vista de regras sobre o que era ou não permitido fazer. Se antes passavam por uma intervenção de acostumar-se ao afastamento, trata-se agora

de um retorno cauteloso as experiências sociais. Seus comportamentos, práticas e rotinas passaram de algum modo por uma ruptura no processo socializador pessoal (familiar), profissional (no caso de alguns jovens que possuem algum tipo de emprego) e educativo (escolar) limitado, se desfazendo da realidade de proibição quanto a frequência de espaços públicos, trazendo-os novamente a uma juventude “ativa”, mesmo que para alguns essa inatividade juvenil não tenha deixado de existir.

De maneira a ilustrar alguns dos desafios enfrentados nesse retorno estudantil a instituição, Marcos partilha a condição de frequentar a escola em uma cidade de fora, destacando o deslocamento realizado por ele na busca de permanecer ativo em seus estudos, “Eu sempre tive isso de estudar em outra cidade, pegar transporte público, pegar um transporte, pagar transporte e eu tive que me adaptar a isso, preparar, tinha que sair, arrumar minhas coisas, organizá-las. (Marcos, estudante do ensino médio).” Além disso, trazendo consigo as mais diversas problemáticas, encaradas, inclusive, como “sequelas” da pandemia (como questões emocionais, físicas e psíquicas, familiares e dificuldades nos estudos) muitos jovens colegiais carregam consigo, ao adentrarem novamente tanto no espaço físico da escola como em outros espaços alheios a instituição de ensino, marcas e angústias do período em que ficaram isolados uns dos outros, como coloca Dayrell (2007) os “[...] jovens [...] estão, cada vez mais, transpondo os seus muros, trazendo suas experiências e novos desafios. Dentre eles, uma questão central passa a ser as transformações que vêm ocorrendo nas formas desses jovens se constituírem como alunos.” (DAYRELL, 2007, p.1119).

A questão do psicológico da pessoa, que quando ficou abalado com essa situação, por exemplo, a incerteza da vida, de saber poxa hoje eu tô de boa, mas amanhã eu posso tá vivo ou então alguém que tá do meu lado pode ir embora subitamente e eu não ter tempo de me despedir, eu acho que sobre a questão psicológica nessa, nesse sistema que a gente passou agora ela foi muito afetada, teve muitas pessoas que morreram não pelo vírus, não por outro tipo de doença, mas por pressões psicológicas e sofrendo. Então acho que é esse também foi um dos fatores que a pandemia deixou sequelas em muitas pessoas, hoje é fato que a gente encontra muitas pessoas ainda muito ansiosas, ainda muito depressivas, só agora sofrendo de doenças que antigamente a gente via menos e isso tem atrapalhado no estudo, isso tem atrapalhado na vida social, no meio profissional (William, estudante do ensino médio).

Vemos que o estudante carrega em sua fala outras questões necessárias de serem discutidas sobre o que a pandemia causou, creditando seus males não somente ao vírus, mas as inúmeras situações emocionais, principalmente questões voltadas a ansiedade, que os jovens possam ter vivenciados nesse momento, William destaca que o medo rotineiro sobre as inseguranças quanto a vida ainda recorre sobre os pensamentos juvenis. Assim,

lidar com as aflições e anseios provocados pelo medo rotineiro e as incertezas de estabilidade da saúde no mundo tornou desafiador qualquer contato com o exterior de suas residências, assim, faz-se necessário entender a condição humana destes estudantes na medida em que respeitar e discernir o seu papel de aluno da sua posição juvenil é essencial.

Quanto a educação escolar, é necessário o reconhecimento da fragilidade de aprendizagem existente no atual cenário, em decorrência da desproporcionalidade de acesso e más condições de qualidade de estudo que deixaram a desejar neste período.

Hoje a gente já não vem mais com toda aquela mesma mentalidade porque por exemplo, a gente terminava um ano passava um mês de férias dois e voltava outra vez, então aquilo era muito recente, e essa perda do nada de informação acabou prejudicando muito a gente, por que foi afluindo outras áreas, por exemplo, a pessoa que ela ia pros estudos pra se livrar de alguma coisa, ela já não tinha mais aquilo pra, pra crescer, eu acho que essa perda de foco ela persiste muitas vezes hoje ainda, eu acho que nós ainda temos sequelas da pandemia, não digo do Covid, mas digo do que ela causou, nós temos sequelas hoje da nossa aprendizagem, por exemplo, ainda vejo muitos alunos voltarem hoje, mas parece que ainda estão casa, entendeu? parece que tudo ficou pra trás e eles só tão ali. (William, estudante do ensino médio).

Podemos refletir, a partir da narrativa de William, que a interrupção da frequência ao espaço escolar influenciou diretamente as potencialidades da aprendizagem para muitos de seus colegas, tendo a escola, como ele coloca, como um espaço de fuga para algumas questões pessoais, os jovens, em algum momento se perderam nessa rede de afastamento comprometendo seus interesses para com os estudos e colaborando para uma delicada situação em seus níveis de absorção quanto aos conteúdos trabalhados no sistema remoto.

Sobre este fato Dias e Pinto (2020) dizem que “Conforme a Unesco, a natural queda na aprendizagem poderá alastrar-se por mais de uma década se não forem criadas políticas públicas que invistam em melhorias de infraestrutura, tecnologias.” (DIAS; PINTO, 2020, p.545). Assim, pensemos nos futuros desafios que virão no âmbito educativo para a superação dessas problemáticas, ponderemos sobre quais medidas reduzirão esses impactos e quais estratégias aderir para realinhar o processo de ensino-aprendizagem estudantil. Reagir de maneira eficaz a todas essas questões não será uma tarefa simples, entretanto, precisamos acreditar que as consequências sofridas não são irreversíveis, a medida que concebemos competência a educação estamos aptos a fundar possibilidades de caminhos que objetivam reerguer o ensino público brasileiro e reascender juventudes que não devem ser deixadas para trás.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu refletir, a partir da interlocução entre as experiências juvenis, de estudantes interioranos, em especial da escola pública de ensino médio José Tristão Filho, situada na cidade de Guaiúba- CE, sobre o processo de pandemia da Covid-19 e como a condição de isolamento social afetou suas vidas pessoais e estudantis, principalmente no que diz respeito ao aspecto educacional. Assim, partimos do ensejo de analisar e articular sobre os impactos que inquietou a juventude e a condicionou a um modelo de vida socioeducativo limitado, sobretudo na sua formação e socialização, viabilizadas pelo espaço físico da escola, mas sem ignorar as experiências de fora deste espaço, visualizando a dimensão da situação que ainda recorre em suas realidades. A contribuição dessa pesquisa ocorre para a reflexão sobre a seriedade dos processos juvenis, de sujeitos inseridos em diferentes contextos sociais e realidades desiguais/iguais, e ainda a fim de possibilitar o pensamento em relação ao papel da educação brasileira nas redes públicas. Os jovens em questão foram colocados no centro deste debate para gerar espaço para suas percepções e vivências por intermédio de suas narrativas, coletadas em entrevista, sendo este o processo metodológico utilizado.

Desse modo, a partir da realização deste estudo, nos foi apresentado – através das falas colocadas pelos próprios participantes – os desafios e desdobramentos que compuseram este processo vivenciado por estes jovens alunos durante os anos de 2020 e 2021, desde as dificuldades em se manterem ativos nos estudos até as complexidades das ausências presentes nesse período, referentes ao espaço físico da escola, a interação entre estes adolescentes e a carência do papel do professor. Entre as problemáticas mais frequentes, fazemos menção a condição de desigualdade econômica e educacional existente na nossa realidade social, esta circunstância desencadeou uma série de adversidades enfrentadas pelos jovens, comprometendo suas vidas pessoais e estudantis. Dentre elas, destacamos a não acessibilidade a recursos tecnológicos, como celulares smartphones, tablets e notebooks junto a internet de qualidade para todos os jovens matriculados na instituição de ensino, tanto os residentes nas áreas urbanizadas quanto os de localidades mais afastadas do centro da cidade. Por conseguinte, é essencial pensarmos no quanto a inacessibilidade a internet ou quaisquer outras ferramentas digitais e tecnológicas foi uma situação experimentada por tantos jovens estudantes brasileiros, o que colaborava para o que podemos chamar de colapso na educação, algumas desistências

ou afastamentos nesse período pesava sobre esta condição, prejudicando parcial ou total o ensino.

Faz-se ainda necessário pontuar sobre as dificuldades tidas entre os próprios professores ao ministrarem as aulas remotas, condição essas que também colaborou como empecilho no processo de ensino e aprendizagem neste período, representando que os desafios acometiam também aos que se encontravam do outro lado da tela, sobretudo, no uso das ferramentas digitais de ensino, que soavam como novidade para muitos docentes.

A falta de espaços adequados e confortáveis também interferiram no seguimento do processo de aprendizagem e na concentração das atividades escolares, as distrações cotidianas de suas residências também os comprometeram. Havia ainda a solidão acompanhada da falta de ver os rostos uns dos outros durante os encontros, em que estes determinados momentos, antes possibilitados corporalmente, acompanhados dos sentimentos de troca e partilha de emoções, demarcavam seus modos, comportamentos, identidades e os demais processos de uma vida juvenil. Tais ausências foram supridas, em parte, pelo uso de mecanismos tecnológicos que os mantiveram conectados, ainda que distantes fisicamente uns dos outros.

A partir destas colocações, depreendemos que a educação deveria respaldar-se de um direito oferecido a tantos e a todos, o que na prática não ocorre em sua completude. Apesar de ser classificada como uma das prioridades estatais ela não contemplava o suficiente para controlar e equilibrar a situação de desigualdade existente. A conexão vulnerável, não somente com o ensino, mas com os modernos recursos tecnológicos, a boas condições de saúde e segurança condicionou para a crítica situação de disparidade e exclusão que temos hoje. Entretanto, muitos jovens presenciaram situações em que as adversidades os separavam do ensino, mas que por diversas estratégias se reinventavam na procura por mecanismos que amenizassem as problemáticas encaradas.

Neste sentido, é que somos possibilitados de encontrar o protagonismo juvenil ativo, em alguns casos, na vida de tantos jovens estudantes, como os interlocutores deste trabalho. Apesar de enfrentarem a tanto e a tudo, o desejo em reconfigurar suas vidas, principalmente no que diz respeito ao futuro, se sobressaía perante as complexidades que os acometeram neste período. A posição de resistência, adotadas por eles, reinventou o contexto da descrença e dos sonhos perdidos, levando-os para a renascença de suas potencialidades, em um estado em que ainda se permitiam projetar melhorias e metas para

o futuro. Portanto, nos encontramos diante de juventudes que buscam, pois almejam um poder de transformação de suas vidas e do mundo ao seu redor, não caindo no esquecimento e evitando o que poderíamos chamar, metaforicamente, de a morte de uma geração.

É conveniente ainda apontar sobre o que é necessário para o futuro desenvolvimento desta pesquisa. Apesar dos inúmeros males trazidos com os acontecimentos abordados, é pertinente trabalhar de maneira mais complexa a questão emocional dos jovens, mostrando as outras faces, não necessariamente negativas, da pandemia em suas vidas. Houve nesse processo, aprendizados e mudanças significativas em suas trajetórias, assim trazer essa perspectiva possivelmente demarcará mais a fundo suas visões sobre o que se pôde ter tirado proveito desse período.

Perfizemos uma trajetória que nos permite pensar a respeito dos futuros desafios que virão no âmbito educativo para a superação das questões abordadas no corpo deste trabalho. Analisemos sobre quais medidas irão restringir esses impactos e quais estratégias aderir para realinhar o processo de ensino-aprendizagem estudantil, entendamos ainda que as situações enfrentadas até aqui, nos possibilitarão lidar futuramente com obstáculos semelhantes, tendo servido isso, de certo modo, como um preparo para responder aos comandos desconcordantes do processo educativo juvenil. Reagir de maneira eficaz a todas essas problemáticas não será uma tarefa simples, entretanto, demandamos considerar que os danos sofridos não são irreparáveis, à medida em que concebemos competência a educação estamos habilitados a fundar possibilidades de caminhos que objetivam reerguer o ensino público brasileiro e reascender juventudes que não devem ser deixadas para trás.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Alda de Souza. **Juventudes e ensino médio: transições, trajetórias e projetos de futuro**. / Maria Alda de Souza. - Curitiba- Brasil: CRV, 2017.

BAUER, Martim W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi.- Petrópolis, RJ: 2º edição; Editora Vozes, 2002.

CONSELHO NACIONAL DA JUVETUDE. **Juventudes e a pandemia do Coronavírus**. [S. l]; 2ª edição relatório nacional, maio de 2021.

CONSELHO NACIONAL DA JUVETUDE. **Juventudes e a pandemia e agora?** [S. l]; 3ª edição, 2022.

CORTI, Ana Paula. Ser aluno: um olhar sobre a construção social desse ofício. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p.309 – 332. 2014.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em < <http://www.cedes.unicamp.br/> >.

DIAS, Érika; PINTO, Fátima Cunha Ferreira. **A Educação e a COVID-19**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.28, n.108, p. 545-554, jul./set. 2020.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Pesquisar Jovens: caminhos e desafios metodológicos**. 1ª Edição. Lisboa – Portugal. ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2017.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. **Juventudes e redes sociais: interações e orientações educacionais**. Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 9, Nº 1, p. 202 - 231, JAN/MAR 2019.

MOMBERGER, Christine Delory. **Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação**. Tradução: Maria da Conceição Passeggi (UFRN) e Juan Alejandro Gomes (JUCERN). Educação em Revista | Belo Horizonte | v.27 | n.01 | p.333-346 | abr. 2011.

NUNCA ME SONHARAM. Direção: Cacau Rhoden. Produção: Estela Renner, Marcos Nisti e Luana Lobo. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2017.

Observatório de Educação Ensino Médio e Gestão. **Evasão escolar e o abandono: um guia para entender esses conceitos**. Disponível em: < <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/abandono-evasao-escolar> > . Acesso em: 23 de nov. de 2022.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. **(ENTRE)LINHAS DE UMA PESQUISA: o Diário de Campo como dispositivo de (in)formação na/da abordagem (Auto)biográfica**. Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, [S. l]; vol. 2, nº 4, 2014.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. 4ª edição. Edições Machado. [S. l]; 2016.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude — alguns contributos**. Análise Social, vol. XXV (105-106), (1.º, 2.º).[S. l]; 139-165. 1990.

PEREIRA, Marcio Donizeti; BARROS, Edjane Angelo de. **A educação e a escola em tempos de Corona Vírus**. Scientia Vitae | Volume 9 | número 28 | abril/jun. 2020.

Por Redação. **Evasão escolar e possíveis soluções apontadas por jovens para reverter o atual cenário.** Porvir. Nov. De 2021. Disponível em: < <https://porvir.org/evasao-escolar-e-possiveis-solucoes-apontadas-por-jovens-para-reverter-o-atual-cenario/>> . Acesso em: 05 de maio de 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** – 2. ed. – Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul - Brasil: Universidade Feevale, 2013.

SANTOS, Thamires. **Grupos sociais.** Educa + Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/grupos-sociais>> . Acesso em: 01 de julho de 2022.

SILVA, Maria das Graças Pereira; SANTOS, Evelyn Monique dos; DINIZ, Cláudia Lustosa Campos; BATISTA, Geandro Richard da Silva Gomes. **Juventudes e educação: O uso das tecnologias como ferramenta de aprendizagem em tempos de pandemia da covid-19.** Cadernos do Aplicação <https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao> Publicação Ahead of Print ISSN 2595-4377 (online) Porto Alegre | v.34 | n.1. jan-jun. 2021.

RÖWER, Joana Elisa. Estágio remoto de Sociologia em tempos pandêmicos: entre incertezas, urgências e aprendizagens. In: RÖWER, Joana Elisa; OLIVEIRA, Brena Kécia Andrade de; FREIRE, Newton Malveira. **Sociologia no chão da sala: investigações de vivências pedagógicas no maciço de Baturité.** Maceió/ AL: Editora Café com Sociologia LTDA. 1ª edição. p.161 – 180. 2021.

ANEXO 1

Termo de consentimento



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: ENTRE INTERLOCUÇÕES E EXPERIÊNCIAS JUVENIS: NARRATIVAS INTERIORANAS SOBRE O PERÍODO DE PANDEMIA NO ENSINO MÉDIO NA CIDADE DE GUAÍÚBA-CE.

As informações contidas nesta folha, fornecidas por Francisco Gleilton Clemente da Silva e professora Doutora Joana Elisa Röwer, do curso de Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB/CE têm por objetivo firmar acordo escrito com o(a) voluntária(o) para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela(e) será submetida(o).

1) Natureza da pesquisa: Esta pesquisa tem como finalidades: Analisar de que modo a pandemia, da Covid-19, impactou a vida pessoal e estudantil de jovens da escola pública de ensino médio José Tristão Filho, Guaiúba-CE . 2) Participantes da pesquisa: a pesquisa foi realizada com seis participantes, sendo eles jovens estudantes do ensino médio do município de Guaiúba- CE.

3) Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo você concorda em descrever a partir das perguntas do pesquisador, sobre as experiências vivenciadas por você no período de pandemia da Covid-19. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do coordenador do projeto e, se necessário, por meio do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4) Sobre as coletas ou entrevistas: As entrevistas serão realizadas por intermédio de um grupo focal, onde as falas e os diálogos realizados serão áudio gravados para uma análise futura. A entrevista será realizada nas dependências da escola José Tristão Filho, localizada no município de Guaiúba-CE.

5) Riscos e desconforto: Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme resolução n. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Brasília – DF. (especificar aqui possíveis riscos e desconfortos gerados durante a pesquisa).

6) Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Os dados da(o) voluntária(o) serão identificados com um código, e não com o nome. Apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim sua privacidade.

7) Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que deve acrescentar elementos importantes à literatura, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

8) Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa ao autorizar sua participação nesta pesquisa, bem como nada será pago pela participação.

9) Liberdade de recusar ou retirar o consentimento: Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo sem penalizastes.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,

RG _____ após a leitura e compreensão destas informações, entendo que a participação de (escrever o nome do menor), sob minha responsabilidade, é voluntária, e que ele(a) pode sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito. Guaiúba, / _____ / _____ Telefone
para contato: _____

Nome _____ do
Voluntário: _____

Assinatura _____ do

Responsável: _____

Assinatura _____ do

Pesquisador: _____

Assinatura _____ do pesquisador
assistente: _____

Contatos: NOME E TELEFONE DOS PESQUISADORES: _____

ANEXO 2

Guia de entrevista

Pergunta de partida: De que modo a pandemia, da Covid-19, impactou a vida pessoal e estudantil de jovens da escola pública de ensino médio José Tristão Filho?

- Acolhida
- Apresentação do pesquisador e da proposta da pesquisa
- Apresentação dos entrevistados
- Diálogos iniciais para a tentativa de criar um ambiente descontraído, seguro e familiar para os estudantes
- Pedido de permissão para gravar a entrevista.
- Pedir identificação dos entrevistados: Nome, idade, local onde mora e com quem mora

Roteiro de perguntas

- Quando você ouviu falar pela primeira vez sobre a pandemia da covid 19?

- Qual foi sua reação ao saber sobre o isolamento social e a paralização presencial dos estudos?
- No contexto familiar, como você experimentou a pandemia? Relate um pouco como eram os seus dias e como isso influenciou em sua vida.
- Como foi para você o processo de adaptação ao estudo remoto?
- Quais as dificuldades mais recorrentes durante o período de isolamento com relação ao acesso dos estudos?
- O que se tentou fazer para superar estes desafios?
- Como foi para você ficar afastado da escola e das experiências de socialização com seus colegas de turma?
- Do que mais você sentiu falta?
- Sobre as suas experiências de fora da escola, como foi para você ficar impossibilitado de praticar as atividades (saídas pelo seu bairro, para as praças, calçada, espaços de socialização, visitar ou sair com os amigos, atividades culturais, recreativas e etc.) comuns aos jovens de seu contexto social?
- Como você enxerga o impacto que a pandemia teve na interrupção das suas vivências em outros espaços de socialização fora da escola (experiências juvenis)?
- Quais emoções você mais sentiu no período da pandemia? Poderia descrever algumas situações?
- No período da pandemia alguém da sua família ficou desempregado? Se sim, poderia relatar um pouco?
- **No caso de haver algum estudante que trabalhe** – Você poderia relatar um pouco sobre como foi para você conciliar o trabalho e a escola no período pandêmico?
- Como você concilia trabalho e escola atualmente? Relate um pouco.
- Como foi para você o retorno presencial as aulas? Quais eram as suas expectativas no início?
- Agora que você está na etapa de conclusão do ensino médio, quais as suas perspectivas para o seu futuro? Relate um pouco sobre os seus planos/projeto de futuro